



Câmara Municipal de Jundiá

LEI N.º 4.414
de 05/09/94

Processo n.º 16.208

VETO	TOTAL REJEITADO
	- Prazo: 30 dias
VENCÍVEL EM	30/08/94
<i>William Pechi</i>	
Diretor Legislativo	
Em	06 de julho de 1994

PROJETO DE LEI N.º 6.252

Autoria: ERAZÉ MARTINHO

Ementa: Prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

Arquive-se

William Pechi
Diretor

09/09/94



Câmara Municipal de Jundiaí
São Paulo

Fls. 02
Proc. 16.208
Wly

MATÉRIA
PL G.252

Comissões
CJR
CECET

Ao Consultor Jurídico.

Albuquerque
Diretora Legislativa
10/05/94

PRAZOS	Comissão	Relator
projeto	20 dias	07 dias
veto	10 dias	-
orçamentos	20 dias	-
contas	15 dias	-
projeto aprazado	07 dias	03 dias

<p>À CJR.</p> <p><i>Albuquerque</i> Diretora Legislativa 16/05/94</p>	<p>Designo Relator o Vereador:</p> <p><i>Albuquerque</i> PRESIDENTE 24/05/94</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> voto favorável <input type="checkbox"/> voto contrário</p> <p><i>Albuquerque</i> Relator 24/05/94</p>
---	--	--

<p>À Comissão <u>CECET.</u></p> <p><i>Albuquerque</i> Diretora Legislativa 26/05/94</p>	<p>Designo Relator o Vereador:</p> <p><u>AVOCOS</u> <i>Albuquerque</i> Presidente 26/05/94</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> voto favorável <input type="checkbox"/> voto contrário</p> <p><i>Albuquerque</i> Relator 26/05/94</p>
---	--	--

Veto Total (fls. 30/32)

<p>À Comissão <u>CJR</u>.</p> <p><i>Albuquerque</i> Diretora Legislativa 02/08/94</p>	<p>Designo Relator o Vereador:</p> <p><u>AVOCOS</u> <i>Albuquerque</i> Presidente 05/08/94</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> voto favorável <input type="checkbox"/> voto contrário</p> <p><i>Albuquerque</i> Relator 05/08/94</p>
---	--	--

<p>À Comissão _____.</p> <p>Diretora Legislativa </p>	<p>Designo Relator o Vereador:</p> <p>_____ Presidente </p>	<p><input type="checkbox"/> voto favorável <input type="checkbox"/> voto contrário</p> <p>Relator </p>
--	--	---

<p>À Comissão _____.</p> <p>Diretora Legislativa </p>	<p>Designo Relator o Vereador:</p> <p>_____ Presidente </p>	<p><input type="checkbox"/> voto favorável <input type="checkbox"/> voto contrário</p> <p>Relator </p>
--	--	---

Veto Total (fls. 30/32).
À Consultoria Jurídica.

Albuquerque
Diretora Legislativa
06/07/94



PP 544/94

Câmara Municipal de Jundiá
CÂMARA MUNICIPAL
DE JUNDIAÍ

PUBLICADO
em 13/05/94

16208 1994 1699

PROTOCOLO GERAL

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ
APRESENTADO À MESA, ENCAMINHE-SE
À CJ E ÀS SEGUINTE COMISSÕES:
CJR e CECET
[Signature]
Presidente
10/ 5 /94

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ
PROJETO APROVADO
[Signature]
Presidente
14/06/94

PROJETO DE LEI Nº 6.252

Prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

Art. 1º As escolas da rede municipal de ensino prestarão orientação sexual a seus alunos.

Parágrafo único. A providência far-se-á:

- a) em conformidade com o Projeto de Orientação Sexual-POS do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, sediada na cidade de São Paulo;
- b) com a cooperação de outras instituições e pessoas interessadas.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 10.05.94

[Signature]
ERAZE MARTINHO

* ns



(PL nº 6.252 - fls. 2)

Justificativa

"É de pequenino que se torce o pepino", já diziam nossos avós, traduzindo a sabedoria popular.

Pois é dentro desse sábio espírito que proponho a implantação de orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

Os frutos do trabalho dessa importante entidade (o GTPOS-Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, que é um órgão não-governamental, fundado em 1987 por psicólogos, psicanalistas e pedagogos interessados no estudo das questões da sexualidade e com diferentes experiências profissionais na área) são razões que qualquer leigo - mesmo o mais conservador - tem que, irrefutavelmente, reconhecer como válidos e necessários, numa sociedade como a dos nossos tempos, conflitantemente permissiva e repressora.

O POS-Projeto de Orientação Sexual, que foi desenvolvido na rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, é uma proposta - como se lê na documentação anexa - "antes de tudo, aberta, democrática, crítica e dialógica", sendo que o trabalho nas escolas "não visa estabelecer o que é certo ou errado, muito menos normas de conduta. Essa é uma função dos pais." Busca, de forma aberta e participativa, orientar os educandos, onde o professor recebe formação para saber como conduzir as questões atinentes ao sexo e à sexualidade suscitadas pelos alunos e pelas relações entre eles e com a sociedade, sem esquecer a participação dos pais e da comunidade.


ERAZEL MARTINHO

*

ns

GTPOS

GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA
EM ORIENTAÇÃO SEXUAL

São Paulo, 25 de Abril de 1994.

Rosémar Gonçalves
Rua Siqueira de Moraes 640-Centro
13201-460 Jundiaí - SP

Prezada Rosémar,

O Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual é uma Organização não Governamental, fundada em 1987 por psicólogos, psicanalistas e pedagogos interessados no estudo das questões da sexualidade e com diferentes experiências profissionais na área. Deste convívio resultou um projeto de Orientação Sexual para escolas e a publicação "Sexo para Adolescentes: Orientação para Educadores", que acompanha o livro "Sexo para Adolescentes" de Marta Suplicy.

A partir de 1989 o GTPOS implantou o projeto de Orientação Sexual nas escolas municipais de São Paulo de 5ª a 8ª séries (1º grau). Este trabalho consistiu no treinamento básico e na supervisão semanal dos professores envolvidos. Em 1991 parte desses professores tornaram-se multiplicadores internos, formando novos professores na área de Orientação Sexual, sob supervisão do GTPOS. Foram atingidos cerca de 2/3 da rede de ensino municipal e aproximadamente 15.000 adolescentes. Em 1992 o projeto expandiu-se para todo o 1º grau e a pré-escola, atingindo 174 escolas. Este trabalho foi realizado com o financiamento da Fundação John D. and Catherine T. MacArthur e a participação da Rede de Ensino da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Com assessoria do G.T.P.O.S. a Prefeitura Municipal de Porto Alegre (RS) implantou o projeto de Orientação Sexual em todas escolas de sua rede, atingindo cerca de 2.500 adolescentes no período de 1990 a 1992.

O IPBA - Instituto Pedagógico Brasil-Alemanha - implantou projetos de O.S. em 5 escolas filiadas (Visconde de Porto Seguro: São Paulo e Valinhos, Benjamin Constant, Humboldt e Escola Utta) com supervisão do GTPOS.

Projetos similares estão sendo desenvolvidos nos Colégios Bandeirantes, Nossa Senhora do Morumbi, Prima Escola, Sion, Equipe, Escola Estadual Padrão Laerte Ramos de Carvalho e no Projeto Curumim do SESC.

Em 1992 foi criado o núcleo do GTPOS em Brasília, que oferece cursos de formação em Orientação Sexual para educadores de pré-escola, adolescentes e Prevenção da Aids, contando com as seguintes escolas: Sementinha, Centro-Educacional Leonardo da Vinci e Objetivo Junior.

GTPOS

GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA
EM ORIENTAÇÃO SEXUAL

A partir de 1991, em função da epidemia da Aids, o GTPOS elaborou o projeto "Aids Previne-se" que capacita, em curto espaço de tempo, multiplicadores nesta área de prevenção em escolas, empresas e outras instituições da comunidade.

Parte da constatação que fornecer informações, embora necessário, não muda comportamentos. Oferece uma metodologia que visa a eficácia das intervenções preventivas, resultando na adoção de condutas seguras e na convivência digna com portadores do HIV.

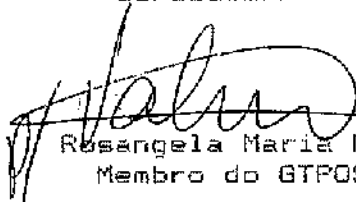
O GTPOS também tem feito palestras para a sensibilização ao tema devido à resistência que as instituições ainda apresentam em se ocupar e participar do trabalho preventivo para a contenção da epidemia.

Em 1992, o GTPOS inaugurou sua sede, onde desenvolve programas de capacitação para profissionais das áreas de educação e saúde, grupos de orientação para pais, e estudos e pesquisas nas áreas da sexualidade e prevenção da Aids.

Para atender diferentes entidades ou pessoas interessadas, o GTPOS oferece o seu espaço para a formação de grupos.

Todos estes trabalhos descritos podem ser também desenvolvidos na escola interessada, empresa ou comunidade, em qualquer parte do Brasil.

Cordialmente



Rosângela Maria Rigo
Membro do GTPOS

SEXUALIDADE INFANTIL *

Francisca Vieitas Vergueiro Vonk

1 - INTRODUÇÃO:

Hoje vamos falar de sexualidade infantil. Quero conversar com vocês de maneira simples, sem nomes complicados, e sem idéias incompletas. Vamos tentar falar claro, aberto, sobre a sexualidade. Tentando dar nome ao que tem nome, explicar o que pode ser explicado. Vamos tentar despir este tema dos engasgos e dificuldades costumeiras, dos segredos e impedimentos que são tão comuns.

Eu tenho uma idéia a respeito das razões deste tema ser tão especial. Penso que os adultos, nós todos, quando falamos em sexualidade, evidentemente nos remetemos diretamente à sexualidade que nós, como adultos, conhecemos. Sexualidade = relação sexual, penetração, orgasmo, e todos os coloridos individuais que cada um certamente terá a respeito deste tema. E então o engasgo, então a boca sem resposta para as perguntas mais elementares das crianças.

" Como posso falar de TUDO isto com uma criança de apenas 4 anos?"

" É claro que ela não vai entender, qualquer resposta serve, já que só mais tarde é que estas coisas realmente acontecem na vida."

" Pergunta para mamãe, pergunta pro seu pai, quando você crescer você vai entender."

" Mais tarde a gente conversa, agora estou ocupado."

Tarefa das mais difíceis. Justamente porque o que vem à mente nestes momentos é toda a experiência do adulto, talvez algum restinho de lembranças da nossa própria curiosidade infantil, com uma pitada da sexualidade vivida na infância.

Como desencumbrar-nos desta tarefa? Afinal de contas, pais e mães modernos sabem que as crianças desde muito cedo manifestam curiosidades sexuais. Tendem a dar explicações científicas, nomes complicados, que a criança nunca ouviu, ditos por pais que repentinamente transformam-se em professores, mudam o tom da voz, assumem um ar grave, sério.

Hoje nós vamos tentar desobstruir este caminho, encurtando a distância entre a curiosidade infantil e a experiência dos adultos.

* Palestra escrita em 1990 - uso exclusivo para o Projeto de Capacitação de Professores de Pré-Escola (EMEIS) em Orientação Sexual

COMO? Primeiramente, examinando com cuidado como é, o que é, a sexualidade na criança pequena. Vamos olhar de perto como a criança sente, quais são suas curiosidades, quais são suas dúvidas, como ela pensa a sexualidade. Assim, ficando mais próximos do mundo da criança, talvez possamos também responder e pensar de maneira mais adequada às necessidades de conhecimento da criança. Poderemos ajudá-los de fato, ao invés de adiar o confronto, ou "entupí-los" com explicações complicadas que mais resolvem nosso problema de ter que responder, do que os ajudam a encontrar as respostas que realmente procuram.

2- O QUE É A SEXUALIDADE INFANTIL:

Todos nós certamente já ouvimos o nome de Freud relacionado ao tema da sexualidade. Seja de alguma leitura, de conversas, ou mesmo do famoso "Freud explica" que corre a boca pequena em todos os lugares. A grande coragem e genialidade de Freud foi introduzir e falar da sexualidade humana de uma maneira muito mais ampla do que até então era costume. Através de seu trabalho clínico, e de um olhar investigativo, Freud pode ampliar o sentido da palavra e do conceito "sexualidade".

Quando pensamos em sexualidade, tendemos a pensar em genitalidade. Na acepção freudiana da palavra, a sexualidade genital só se aplica a certas manifestações da sexualidade, a saber, o estágio da sexualidade mais tardio, e que corresponde à etapa mais completa e final do desenvolvimento sexual.

O que se manifesta muito precocemente, desde uma idade bastante inicial, é a busca pelo prazer. E como seria a busca do prazer, pensando na criança bem pequenininha? Quais seriam os prazeres desta idade?

Para responder à estas perguntas, temos que ter em mente como é uma criança pequena: quais são suas possibilidades, como ela vive, o quê é importante para ela.

A criança pensa, a cada momento, de acordo com as possibilidades que sua etapa evolutiva permite. Em outras palavras, falamos que o mundo mental da criança se forma a partir das experiências que ela vai tendo com o mundo.

Por exemplo: um pequeno bebê sótem uma maneira de se relacionar com o mundo, ou seja, tudo o que ele faz expressa-se através da boca. Ao mamar, ao ingerir o leite que lhe aplaca a fome e lhe dá o conforto que estava faltando, o bebê faz uma espécie de equação, onde ser dono daquele leite = engolir. Da mesma maneira, quando o bebê rejeita determinado alimento, ele o devolve, vomitando ou regurgitando. E a mesma equação está presente, com os sinais trocados: isto me faz mal, dá dor de barriga ou tem gosto ruim, eu não quero. Então, para o bebê, gostar é igual a por (objetos, alimentos, mãe) para dentro

dele, e não gostar significa por para fora dele- separar-se, livrar-se. Mas TUDO é através da boca. E das qualidades e propriedades que a boca tem e representa.

Vejamos um exemplo, observado na brincadeira de um bebê de onze meses:

"sentado no chão, brincando com peças de lego, pediu, através de gestos e sons, que sua mãe separasse tres peças que estavam encaixadas. Quando a mãe devolve ao bebê as peças separadas, o bebê dedica-se á uma atividade de encaixá-las. Com sua possibilidade motora de onze meses, o bebê faz esforços incansáveis para aproximar uma peça da outra, com a força necessária para conseguir o encaixe. Enquanto tenta, segurando em cada mão uma das peças do jogo, aproximar uma peça da outra, observo que o bebê abre a boca, ao tentar unir, fechando-a e recomeçando a abri-la quando inicia pacientemente uma nova tentativa de encaixe".

Uma observação superficial poderia remeter os movimentos com a boca que o bebê fazia, á uma atividade diferente da que ele realizava com o brinquedo(sono, bocejar, por exemplo). Mas se pensarmos que, para este bebê o sentimento de estar junto é igual a estar dentro, juntar peças significa engoli-las, e assim ele fazia com a boca o correspondente á idéia que faz da atividade motora ==juntar.]

Observando crianças pequenas, podemos notar grupos de comportamentos e atividades que se organizam ao redor de uma área corporal específica, dirigidos á um fim específico, que é o de obter sensações agradáveis, prazerosas.

Dizemos que isto se relaciona com uma fase de desenvolvimento e organização libidinal, porque estamos entendendo a busca pelo prazer, que a criança faz, a qualquer momento de seu desenvolvimento, como a expressão de sua sexualidade. Com o desenvolvimento da criança e a aquisição de novas capacidades (principalmente o desenvolvimento motor) estas áreas vão mudando, e portanto o interesse principal da criança desloca-se de uma á outra área.

A passagem de uma fase para outra é lenta, gradual, é de uma certa maneira, podemos ver elementos de várias fases ocorrendo simultaneamente, porém com a predominância daquele determinado objetivo.

Fase oral:

Esta fase organiza-se em torno da região da boca, lábios, língua. O prazer é sentido pelo bebê através das experiências com a boca. Sugar, chupar, engolir são as atividades predominantes nesta primeira fase. É importante distingui-la da alimentação, da necessidade que tem o bebê de saciar a fome. Estamos falando de uma possibilidade do bebê de se auto estimular, (chupar o

polegar, chupeta) e com isto receber sensações agradáveis e tranquilizadoras. Podemos observar um bebê sugando os próprios lábios com uma expressão satisfeita no rosto, num momento em que temos certeza de que ele não está com fome. Ou então os momentos, durante as mamadas, que o bebê brinca com o seio, e as mães tem certeza de que ele não está com fome, e sim querendo um outro tipo de contato com ela (há mães que até usam a expressão "chupetar"). É muito comum ouvirmos de mães que tem bebês nesta idade: "tudo o que ele pega, põe na boca!", e é assim mesmo, porque é assim que ele conhece o mundo à sua volta. A boca, para um bebê, corresponde ao seu órgão de sentido mais especializado, que mais informações lhe fornece a respeito do mundo. Além disto é o órgão através do qual ele pode obter prazer, obter alívio de tensões, alcançando conforto.

Fase anal:

Com o desenvolvimento e a maturação da criança, seus interesses se ampliam também, deslocando-se para outra área do corpo. A criança passa a interessar-se por sensações oriundas da região anal, da mesma maneira que anteriormente concentrava seu interesse nas regiões da boca. Seu desenvolvimento neuromuscular e os acontecimentos externos contribuem para este progresso, pois ao mesmo tempo em que a criança passa a ser capaz de controlar a musculatura esfíncteriana (anal e vesical), a atenção da mãe também se volta agora para este tipo de atividade. É extremamente prazeroso para a criança descobrir-se com o poder de controlar esta atividade. Reter a urina e as fezes, solta-las quando sente vontade, além de ser uma atividade fisiológica que por si só lhe proporciona sensações físicas, também configuram-se, na mente da criança, como uma atividade sobre a qual ela pode interferir com sua vontade e determinação.

Vamos ver como isto ocorre a nível da fantasia da criança. Da mesma forma que, na fase anterior, o contato com o mundo externo, com os objetos, se dava através da boca, nesta fase são seus produtos internos, o que ela tem dentro dela, que vai ser o objeto de suas preocupações. Para cada criança, o significado da urina e das fezes vai mudar, de acordo com o momento que estiver atravessando. A criança pode, por exemplo, perceber como sua mãe está extremamente interessada em sua aprendizagem dos hábitos de higiene. Pode sentir que, fazendo seus produtos no vaso, estará agradando sua mãe, como se lhe desse de "presente" algo que é seu, que vem de dentro dela, algo extremamente valioso. Um outro exemplo: a criança pode sentir-se confusa em relação ao destino que é reservado aos seus produtos (cocô e xixi), já que sendo algo tão importante, que a mamãe está prestando tanta atenção, como é que a gente imediatamente se "livra" deles, dando descarga e eles desaparecem para sempre?

Algumas crianças tem vontade de manusear, de mexer em seus produtos, e logo se deparam com as proibições do adulto. Neste momento, a areia, massinha e a água são materiais que substituem simbolicamente os produtos da criança. Seu manuseio, sendo

permitido, possibilita a criança que brinca com eles, viver suas fantasias em relação a eles, transformando-os em comida, bebida, cobras, etc.

Fase fálica:

Na fase fálica, o interesse da criança dirige-se à região genital, e seus órgãos sexuais propriamente ditos: o pênis no menino e o clitóris na menina. Com seu interesse voltado para esta região, a atividade de investigação da criança se dá em dois níveis: pesquisas a nível corporal e pesquisas através pensamento. Ao mesmo tempo em que suas sensações na área genital são intensas, a criança pensa sobre elas, tentando integrar estas informações que vêm de seu próprio corpo ao seu mundo mental.

É uma época em que a linguagem da criança já permite que ela faça perguntas, e entenda determinadas respostas. Muitos problemas se colocam para a criança neste período. Ela tem que achar soluções para inúmeros enigmas.

É a época onde a curiosidade a respeito do próprio corpo se manifesta, as pesquisas práticas se iniciam, as observações do corpo dos pais, a constatação das diferenças anatômicas entre os sexos, perguntas, manipulações. Já podemos perceber, também, pelas próprias características desta fase, que é aqui que os pais começam a ter problemas, a não saber o que fazer, ficam "perdidos" frente às perguntas e atitudes das crianças.

6- Fase da latência:

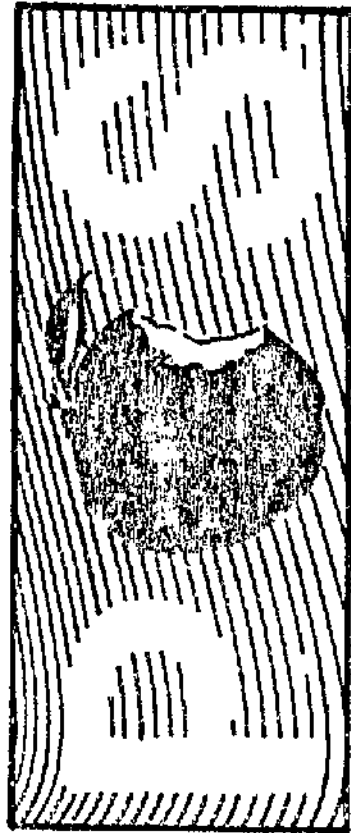
Na fase de latência, os interesses da criança na esfera sexual diminuem muito. Sua atenção e toda sua energia dirigem-se às pesquisas e descobertas no mundo a sua volta. O contexto social passa a ter mais e mais importância, e a criança volta toda a sua atividade para o exercício destas novas funções. Vamos introduzir neste momento o tema da escola, o que ela representa na vida da criança, suas características e sua importância.

Após este período da latência, a sexualidade da criança vai se direcionar cada vez mais aquilo que nós entendemos por sexualidade genital, sexualidade adulta.

BIBLIOGRAFIA:

- Aberastury, Arminda. " El Nino y sus juegos " . Buenos Aires, Paidós.
- Dolto, Françoise . " Psicanálise e Pediatria " . Zahar Editores, 1972.
- Klein, Melanie. " A educação de Crianças à Luz da Psicanálise " . Imago, 1973 .

- Harris, Martha . "Crianças e Bebês à Luz de Observações Psicanalíticas ." Editora Vértice, Enciclopédia Aberta da Psique
- Suplicy, Marta . "Papai, Mamãe e Eu" . FTD , 1990
- Tavistock Clinic (Londres) . "Seu filho de ...anos " . Imago, 1978.
- Winnicott, D.W. . " A Criança e Seu Mundo" . Zahar Editores , 1962.



PROJETO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL

CO-DOT-P.S.G.-P.j.002/92

Município de São Paulo
Secretaria Municipal de Educação
Divisão de Orientação Técnica

1992

Flo. 13
Pres. 6208
PAJ



Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria Municipal de Educação
Divisão de Orientação Técnica
Ensino de 1º e 2º Graus

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
Prefeita - Luiza Erundina de Sousa

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Secretário - Mário Sérgio Cortella

DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA
Ana Maria Saul

DIVISÃO DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA DE ENSINO DE 1º e 2º GRAUS
Meyri Venci Chieffi

Este documento foi elaborado a partir do trabalho coletivo desenvolvido pela equipe de coordenação DOT/NAEs/Assessoria responsável pelo Projeto de Orientação Sexual.

Redação Final

Lucia Suelly Bernardi
Ivone do Carmo Almeida

Digitação

Maria Teresa Yae Kubota Ferrari (DOT-2)

Revisão

América dos Anjos Costa Marinho (DOT-2)
Maria José Reginaldo Ribeiro (DOT-2)
Mauri Barby (Professora do NAE-9)

Diagramação

Antonio Rogério de Lima
Maria Lucia Costa Pedro

Impressão: gráfica COMAE

Equipe responsável pelo desenvolvimento do Projeto de Orientação Sexual na Rede Municipal de Ensino

Ciclo Intermediário e Final

Ana Lucia Machado Benaston Descio (NAE-01)
Noely Gutierrez Molinaro (NAE-02)
Eiko Hasegawa Sugiyama (NAE-03)
Eunice de Almeida Sêlos (NAE-03)
Marissa Margarete Fariandic (NAE-04 - 1991)
Cati Maria Caromano (NAE-04)
Claudia Jessica Marcondes Silva (NAE-05 - 1991)
Olga Maria de Azevedo Mehlmann Abrantes (NAE-05)
Linda Miranda Costa (NAE-06)
Rosa Vertematti Baptista (NAE-07)
Maria Salete F. Tobeldiani (NAE-08 - 1991)
Maria Elvira Martins de Souza (NAE-08)
Neusa Marta Nogueira Vicentini (NAE-09 - 1991)
Maria Luiza Fernandes (NAE-09)
Silvana Marques Pacheco Bispo (NAE-10)
Solange Oliveira Ferreira (NAE-10)

Ciclo Inicial

Ana Lucia Machado Benaston Descio (NAE-01)
Rita de Cassia Cabana P. Felício (NAE-02)
Cati Maria Caromano (NAE-04)
Olga Maria de Azevedo Mehlmann Abrantes (NAE-05)
Wilma Schmidt Lima (NAE-06)
Rosa Vertematti Baptista (NAE-07)
Marcia Aparecida Ortega (NAE-08)
Maria Luiza Fernandes (NAE-09)
Silvana Marques Pacheco Bispo (NAE-10)
Solange Oliveira Ferreira (NAE-10)

GTPOS

Marta Suplicy (coordenadora)
Antonio Carlos Egypto
Cordélia de Souza Castelo Branco
Dalva Taveira Menocci
Elisabeth Maria Vieira Gonçalves (assessoria DOT/NAEs - 1991 a 1992)
Maria Cecília Pereira da Silva
Márcia Rosa da Silva (assessoria DOT/NAEs - 1991 a 1992)
Ricardo de Castro e Silva
Silvio Duarte Bock
Yara Sayão (assessoria DOT/NAEs - 1991)

Coordenação Geral

Ivone do Carmo Almeida (DOT-2)
Luzia Saely Bernardi (DOT-2)

GTPOS
R, Monte Aprazível, n.º 143
04513-030 - São Paulo/SP.
Tel: (011) 822-8249
Fax: (011) 822-2174

PROJETO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL

Projeto de Orientação Sexual
GTPOS
R, Monte Aprazível, n.º 143
04513-030 - São Paulo/SP.
Tel: (011) 822-8249
Fax: (011) 822-2174

SME, novembro, 1992
São Paulo

Fls. 14
Pag. 16208
W

SUMÁRIO

I - Apresentação

II - Proposta de Trabalho de Orientação Sexual para Adolescentes

1. Metodologia
2. Papel do Educador
3. Atividades Previstas para o Desenvolvimento do Projeto:
 - 3.1. Curso Inicial
 - 3.2. Supervisão Semanal
 - 3.3. Trabalho na Escola
 - com Pais
 - com alunos
 - 3.4. Aprofundamento Teórico
 - 3.5. Avaliação

III - Implementação do Projeto de Orientação Sexual em Rede Municipal de São Paulo

1. Etapa Centralizada
 - 1.1. Divulgação
 - 1.2. Envolvimento das Equipes Pedagógicas
 - 1.3. Avaliação
2. Etapa Descentralizada
 - 2.1. Ampliação do Projeto

IV - Considerações Finais

V - Relatos e Depoimentos

VI - Anexos

VII - Bibliografia

- TAKIUTI, Albertina - "A Adolescente está ligeiramente grávida. E agora?" - Editora Iglú - São Paulo.
- TIBA, Iqami - "Sexo e Adolescência" - Editora Ática - São Paulo.
- "Puberdade e Adolescência - Desenvolvimento bio - físico - social" - Editora Agora, 1985 - São Paulo.
- TORDIMAN, Gilbert e MORAND, Claude - "Uma Vivência de Amor" - Falando de Sexo - 6 e 9 anos" - Editora Scipione, 1985 - São Paulo.
- WINNICOTT, D.W. - "O Brincar e a Realidade" - Imago, 1975 - Rio de Janeiro.

VII - BIBLIOGRAFIA

- ABELASTURY, A. e KNOBEL, Maurício - "Adolescência Normal" - Artes Médicas, 1989 - Porto Alegre.
- ANDRY, Andrew C. e SCHEFF, Steven - "De onde vem os bebês?" José Olympio Editora, 1980 - Rio de Janeiro.
- ARATANGY, Lídia R. - "Sexo é um Sucesso" - Editora Ática, São Paulo.
- - "Doce Veneno - conversas e desconversas sobre Drogas" - Ed. Olho D'Água, 1991 - São Paulo.
- ARIES, Philippe e BÉJIN, André (orgs) - "Sexualidades Ocidentais - Contribuição para a História e para a sociologia da sexualidade" - Editora Brasileira, São Paulo.
- BARROSO, Carmen e BRUSCHINI, Cristina - "Sexo e Juventude" - Editora Cortez, 1990 - São Paulo.
- BRANCO, Lucia Castelo - "O que é erotismo" - Coleção Primeiros Passos, Editora Brasileira - São Paulo.
- CAVALCANTI, Ricardo e outros - "Saúde Sexual e Reprodutiva - Ensinando a Ensinar" - Editora RCC, 1990 - Brasília.
- CHAUI, Marilena - "Repressão Sexual - Essa nossa (des) conhecida" - Editora Brasileira - São Paulo.
- DOLJO, François - "Pricamitise e Pediatría" - Zahar Editora, 1980 - Rio de Janeiro.
- FREUD, Anna - "Infância Normal e Patologia" - Zahar Editora, 1982 - Rio de Janeiro.
- FRY, Peter e MAC RAE, Edward - "O que é Homossexualidade" - Coleção Primeiros Passos, Editora Brasileira - São Paulo.
- GIKOVATE, Flávio - "Sexo e Amor" - Ed. Associados, 1979 - 3ª edição - São Paulo.
- MASUR, J. e CARLINI, E.A. - "Drogas - Subsídios para uma discussão" - Editora Brasileira - São Paulo.
- MAYLE, Peter - "De Onde Viemos?" - Editora Nobel, 1984 - São Paulo.
- - "O que está acontecendo comigo?" - Editora Nobel, 1984 - São Paulo.
- MILAN, Betty - "O que é Amor" - Coleção Primeiros Passos, Editora Brasileira, 1983 - São Paulo.
- MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. - "O que é Pornografia?" - Coleção Primeiros Passos, Editora Brasileira, 1984 - São Paulo.
- MORAND, Claude e THIS, Bernard - "De Onde Venha?" - Editora Scipione, 1988 - São Paulo.
- PAIVA, Vera - "Evas, Marias e Lilitas... as vozes do feminino" - Editora Brasileira - São Paulo.
- (org.) - "Em Tempos de AIDS" - Summus Editorial, 1992 - São Paulo.
- REICH, Wilhelm - "A Função do Orgasmo" - Editora Brasileira - São Paulo.
- RIBEIRO, Marcos - "Mamãe, como eu nasci?" - Editora Salamandra, 1990 - Rio de Janeiro.
- - "Menino brinca de boneca?" - Editora Salamandra, 1990 - Rio de Janeiro.
- SUPLICY, Maria - "Papai, Mamãe e Eu" - FTD, 1990 - São Paulo.
- - "Sexo para Adolescentes" - FTD, 1988 - São Paulo.
- - "Conversando sobre Sexo" - Editora Vozes, 1983 - São Paulo.

I - APRESENTAÇÃO

Este documento tem como finalidade divulgar o Projeto de Orientação Sexual (P.O.S.) para adolescentes desenvolvido na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Nele encontram-se os objetivos, as atividades e o processo de implantação, assim como uma avaliação através de dados quantitativos e qualitativos e depoimentos de pais, alunos e professores.

Inicialmente, sentimos a necessidade de contextualizá-lo historicamente, destacando a proposta pedagógica da SME na qual ele está inserido.

A partir da administração de Luiza Erundina, 1989, mudanças significativas ocorreram na estrutura e organização das Secretarias Municipais - entre elas a Secretaria de Educação - considerando a efetivação dos princípios de descentralização, autonomia e participação das escolas nas decisões.

As ações descentralizadas, tanto em nível da Secretaria Municipal de Educação (SME), Coordenadoria dos Núcleos de Ação Educativa (CONAE), Diretoria de Orientação Técnica (DOT), Núcleos de Ação Educativa (NAEs), como em nível das escolas, passaram a ser decididas de maneira colegiada, refletindo a organização da administração que almeja, além dos princípios acima citados, a unidade na diversidade e a busca de uma nova qualidade de ensino. Isso se dá através do Movimento de Reorientação Curricular, que inclui um Programa de Formação Permanente de Educadores.

Tal Movimento prevê a elaboração, pelas escolas, de Projetos próprios e a Interdisciplinaridade - Projeto da Secretaria Municipal de Educação - e tem por objetivos:

- um amplo processo participativo nas decisões e ações sobre o currículo;
- o respeito ao princípio da autonomia da escola;
- a valorização da unidade teoria-prática.

O Programa de Formação Permanente dos Educadores tem sua proposta básica de atuação centrada na Ação/Reflexão/Ação. Isso significa garantir aos educadores a discussão de sua própria prática, aprofundando e avançando em seus fundamentos, reconstruindo-a na perspectiva de uma educação transformadora. É nesse contexto que aparece o Projeto de Orientação Sexual.

O Projeto de Orientação Sexual visa à discussão sobre a sexualidade, os preconceitos, os tabus, as emoções e as questões sócio-político-culturais que permeiam o tema, proporcionando aos educandos de nossas escolas a oportunidade de refletir sobre seus próprios valores e os dos outros, bem como uma vivência da sexualidade com maiores possibilidades de segurança, de prazer, de amor e de exercício da liberdade com responsabilidade.

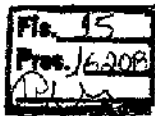
Esse trabalho, nas escolas, não visa estabelecer o que é certo ou errado, muito menos normas de conduta. Essa é uma função dos pais.

Como diz Paulo Freire:

"... Ninguém vive bem sua sexualidade numa sociedade tão restritiva, tão hipócrita e tão falsadora de valores: uma sociedade que vive e experiência trágica da interdição do corpo com repercussões políticas e ideológicas indelévels; uma sociedade que nasceu negando o corpo."

"... E preciso viver relativamente bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito, pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política sem que estejamos, mais ou menos em paz, com a sexualidade."

* Entrevista à Revista Teoria e Debate, nº 17
1º trimestre de 1992



II - PROPOSTA DE TRABALHO EM ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES

Início do Projeto: a proposta de trabalho de GTPOS

No primeiro semestre de 1989, o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS⁽¹⁾) apresentou ao então Secretário Municipal de Educação, Prof. Paulo Freire, um Projeto de trabalho em Orientação Sexual para ser desenvolvido nas escolas municipais.

O Projeto foi aceito por ser coerente com os princípios pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação, pois apresentava a mesma concepção de Homem-Mundo, uma proposta de formação permanente dos educadores, uma metodologia dialógica e concebia a escola como um espaço onde os educandos pudessem ter a oportunidade de discutir com responsabilidade a sexualidade.

O GTPOS planejou, então, um financiamento da Fundação John and Catherine Mac Arthur e os recursos obtidos garantiram o pagamento de seus profissionais durante os dois primeiros anos de implantação do Projeto.

1 - METODOLOGIA

A metodologia proposta ao P.O.S. é, antes de tudo, aberta, democrática, crítica e dialógica. O professor é o coordenador e o articulador das discussões de temas significativos escolhidos pelos alunos, decorrentes das suas necessidades. Isso favorece a descentralização do poder do saber e a horizontalização das relações, uma vez que cada um é respeitado ao expor suas idéias e seus conhecimentos sobre o tema.

Essa prática propicia ao aluno e ao grupo a construção/reconstrução de seu conhecimento, de sua visão de mundo e a de sua sexualidade, através do confronto de diferentes pontos de vista, da diversidade de opiniões, bem como do não estabelecimento prévio de condutas, dogmas, valores e das informações sobre a sexualidade.

Com essa abordagem metodológica reafirma-se a concepção de homem, inserido num contexto histórico, como um ser da práxis - ação/reflexão/ação - sobre o mundo, pois uma vez compreendidos os temas propostos, o aluno entende melhor sua sexualidade e a sua realidade social, tendo condições de atuar sobre ela e transformá-la.

2 - PAPEL DO EDUCADOR

No trabalho de orientação sexual, o professor não é um "expositor" de temas, mas tem como ponto de partida o interesse, as dúvidas, os questionamentos levantados pelos alunos. Sua função é coordenar, organizar, esclarecer e problematizar a partir da necessidade da classe.

Ele é um catalisador da discussão, orientador do debate, possibilitando ao aluno expor suas idéias, conhecimentos sobre o tema/assunto trabalhado.

O professor deve estar atento à dicotomia, mediando-a para que o aluno amplie seus conhecimentos com a introdução de novos dados e informações científicas que subsidiem a análise e a síntese, numa abordagem interdisciplinar, propiciando, assim, que ele tire suas próprias conclusões, a partir de seus valores.

É um facilitador da discussão, criando um clima descontraído e acolhedor,

d) "Aborto: uma questão polêmica" - dramatização
alunos e professores das escolas

EMPG "Paulo Duarte" - (NAE-08)

EMPG "Brasilio Machado Neto" - (NAE-08)

EMPG "Alino Arantes" - (NAE-08)

EMPG "Olival Costa" - (NAE-08)

14) Seminário: "A Adolescência em Questão"

11/09/92

Organização: Pró-mulher

Representantes de SME:

.. Elko Hasegawa Sugiyama (NAE-03)

.. Eunice de Almeida Sêlos (NAE-03)

.. Maria Luiza Fernandes (NAE-09)

Encontros Replenaís do Projeto de Orientação Sexual:

NAE-06 - 30/11/91 e 21/11/92

NAE-07 - 30/10/92

NAE-08 - 21/11/92

NAE-09 - 29/11/91

NAE-10 - 11/11/92

(1) O Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) formou-se em 1987, com 10 profissionais das áreas de Psicologia e Pedagogia e tinham por objetivo desenvolver um trabalho sobre a sexualidade na área educacional.

Projeto de Orientação Sexual - teatro AIDS"
 EMPG "Rodríguez de Carvalho" - NAE-08
 EMPG "Deputada Ivete Vargas" - NAE-08
 EMPG "Prof. Henrique Mélega" - NAE-08
 EMPG "Armando de Salles Oliveira" - NAE-08
 EMPG "Aberto" - NAE-08
 EMPG "Tudo o que é bom vem com o tempo"
 EMPG "Tudo o que é bom vem com o tempo"
 EMPG "Tudo o que é bom vem com o tempo"
 EMPG "Tudo o que é bom vem com o tempo"
 EMPG "Tudo o que é bom vem com o tempo"
 EMPG "Tudo o que é bom vem com o tempo"

Mesa Redonda: 14/08 - Manhã

- "Sexualidade: um problema da escola"
- Coordenação da mesa: Lúcia Suelly Bernardi (DOT)
- Maria Suplicy - psicanalista (GTPOS)
- Vera Paiva - psicóloga (USP)
- Maria Regina Saran - professora EMPG "Elias Siqueira Cavalcanti"
- Alunos da EMPG "Elias de Siqueira Cavalcanti"

O ponto de partida do Projeto é um Curso Inicial (anexo 1) de 16 horas, que tem como objetivos a reflexão sobre a postura do professor orientador sexual, o conhecimento dos princípios do Projeto, o levantamento e a discussão coletivo das dificuldades e das questões que acompanham professor e alunos ao lidarem com as questões ligadas à sexualidade; e a vivência de técnicas para trabalhar os diferentes temas.

Este curso não tem a pretensão de, isoladamente, preparar o professor para desempenhar o papel de orientador, mas de subsidiá-lo para que em sua Unidade Escolar possa atuar, junto com a equipe, em trabalho educativo que processe a mudança da idéia do sexo feio, seja e pornográfico para a da sexualidade sã e prazerosa.

Os professores participam de várias atividades no decorrer do curso: levantamento e discussão das expectativas em relação ao trabalho de Orientação Sexual; reflexão sobre temas polêmicos, escolhidos pelo grupo; técnicas de sensibilização; trabalho com o corpo. Tais atividades são desenvolvidas visando minimizar a insegurança do professor em relação à metodologia proposta pelo Projeto, bem como a ansiedade e o medo em lidar com o tema junto a alunos, pais e comunidade escolar.

- Driva Ivanete Souza
- EMPG "Inceu Prates" - (NAE-06)
- Maria Luiza Oliveira Vilela
- EMPG "Isabel Vieira Ferreira" - (NAE-06)

"Corpo" - sensibilização:
 responsáveis:

- João Eduardo Albertini
- EMPG "Des. Ariane Waitaker" - (NAE-04)

c) "Sexualidade: visão feminina e masculina"
 responsáveis:

- Neide Amaral Barbosa (NAE-07)
- Ronaldo Antonio dos Santos (NAE-07)

intervenção em casos de impasse, resultando a importância do respeito às diferenças de opiniões.

É importante que o professor orientador tenha um bom relacionamento com os alunos. A confiança, o respeito e a ligação afetiva facilitam a aproximação para uma conversa aberta.

Ele não deve impor valores, passar modelos de conduta; substituir os pais; dar conselhos; falar de sua vida particular; dizer o que é certo ou errado; extrapolar a área educacional e fazer grupo de terapia.

A formação desse professor é permanente e se dá através das reuniões semanais de Supervisão coordenadas por educadores com experiência na área da sexualidade(2), onde se busca garantir a discussão de sua própria prática, aprofundando e avançando em seus fundamentos na perspectiva de sua reconstrução.

3 - ATIVIDADES PREVISTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

3.1. - CURSO INICIAL

O ponto de partida do Projeto é um Curso Inicial (anexo 1) de 16 horas, que tem como objetivos a reflexão sobre a postura do professor orientador sexual, o conhecimento dos princípios do Projeto, o levantamento e a discussão coletivo das dificuldades e das questões que acompanham professor e alunos ao lidarem com as questões ligadas à sexualidade; e a vivência de técnicas para trabalhar os diferentes temas.

Este curso não tem a pretensão de, isoladamente, preparar o professor para desempenhar o papel de orientador, mas de subsidiá-lo para que em sua Unidade Escolar possa atuar, junto com a equipe, em trabalho educativo que processe a mudança da idéia do sexo feio, seja e pornográfico para a da sexualidade sã e prazerosa.

Os professores participam de várias atividades no decorrer do curso: levantamento e discussão das expectativas em relação ao trabalho de Orientação Sexual; reflexão sobre temas polêmicos, escolhidos pelo grupo; técnicas de sensibilização; trabalho com o corpo. Tais atividades são desenvolvidas visando minimizar a insegurança do professor em relação à metodologia proposta pelo Projeto, bem como a ansiedade e o medo em lidar com o tema junto a alunos, pais e comunidade escolar.

3.2. - SUPERVISÃO SEMANAL

Essa proposta de trabalho prevê uma supervisão sistemática (semanal) para os professores envolvidos no Projeto, com a coordenação de educadores que passaram por um processo de formação permanente na área da sexualidade

(2) As supervisões semanais foram coordenadas, até 1990, por integrantes do GTPOS. A partir de 1990 são coordenadas pelos representantes do Projeto, de cada MAE

Deve ser um espaço de reflexão e produção de conhecimentos, desenvolvendo uma prática de intervenção. Esse acompanhamento possibilita o detalhamento das condições básicas do trabalho, a adequação da proposta à realidade, a avaliação e o preparo dos encontros com alunos, além do aprofundamento teórico, da troca de experiências e da discussão de questões como: postura do professor, inibição dos alunos frente ao tema, material didático apropriado, trabalho com pais.

Ela é a essência do Projeto; é o que garante a sua qualidade.

3.3. - O TRABALHO NA ESCOLA

O Projeto prevê que o professor inscrito faça a divulgação da proposta, prestando esclarecimentos sobre ela e discutindo junto à equipe escolar, pais e comunidade a forma como cada um desses segmentos, segundo sua especificidade, estará envolvido.

A escola levanta critérios para priorizar qual série, faixa etária ou grupo de alunos serão atendidos.

A partir do estabelecimento da prioridade de atendimento é feita, junto aos alunos, a divulgação do Projeto e as condições para inscrição. O aluno interessado em participar deve apresentar a autorização dos pais ou responsáveis (quando menor de idade) e disponibilidade para freqüentar um encontro semanal (de 45 minutos), realizado fora do horário regular de aula.

COM PAIS

Inicialmente, os pais são convidados para uma reunião. Nesse momento são orientados sobre a sua posição em relação a um trabalho de Orientação Sexual e esclarecidos sobre o Projeto e ser desenvolvido na escola, incentivando-os à corresponsabilidade no processo educativo.

Nessa reunião é enfatizado que a proposta não visa estimular a vida sexual precoce, mas pretende substituir os pais na responsabilidade da educação sexual, mas, sim, oferecer uma oportunidade de troca de idéias para o jovem; um espaço para falar e refletir sobre suas emoções, respeitando-se os valores que traz de sua família.

COM OS EDUCANDOS

No início do trabalho com os educandos é importante que o professor desenvolva atividades e em dinâmicas que criem um ambiente facilitador, que ajude o grupo a se integrar, a se conhecer e a enfrentar questões polêmicas, respeitando as diferenças individuais.

Além disso, é fundamental o conhecimento das suas expectativas em relação ao trabalho de Orientação Sexual e o levantamento dos temas de interesse geral, pois possibilitarão uma visão mais clara e respeito das necessidades reais do grupo e a realização de um planejamento que orientará o trabalho em sala de aula.

Para facilitar o processo de integração do grupo e de reflexão sobre temas, algumas normas precisam ser estabelecidas, as quais não podem ser impostas, ao contrário, devem ser formuladas pelo próprio grupo, estabelecendo-se, assim, o CONTRATO de trabalho.

Esse processo democrático possibilita que cada integrante sinta-se comprometido e responsável por garantir o bom funcionamento do grupo.

7) I Congresso Municipal de Educação 01 a 04 de outubro de 1991

Comunicações orais

- Relato de experiência do Professor de Orientação Sexual EMFG 'Geraldo Sesus Jr.' - NAE-03
- Projeto de Orientação Sexual: "um sonho que se torna realidade" - EMFG 'Professor Benedito Montenegro' - NAE-09
- Orientação Sexual - EMFG 'Procyone Ferreira' - NAE-05
- Orientação Sexual: abrindo horizontes - EMFG 'Alceu Amoroso Lima' - NAE-09
- Orientação Sexual - EMFG 'Paulo Duarte' - NAE-08

- 8) I Encontro: "AIDS: Repertuções psico-sociais" - USP organizadora: Profª Vera Paiva 07 a 11/10/91

- 9) Seminário: "AIDS: Compartilhando o desafio" organização: SME 09 a 11 de dezembro de 1991

- 10) III Encontro de Adolescentes - Campinas 21 a 24 de julho de 1992

Alunos das:

EMFG 'Dr. Pedro Alirio' - NAE-10
EMFG 'Dr. João Augusto Breves' - NAE-10

Educadoras:

- Maria Luiza Fernandes - NAE-01
- Silvana Marques Pacheco Bispo - NAE-10
- Ana Paula Coego da Costa (NAE-10 - professora)
- Ana Lécia Rodrigues da Silva (NAE-10 - professora)

11) II Congresso Municipal de Educação

11 a 15 de agosto de 1992

Relatos de Prática: 12/08 - tarde:

- "AIDS: um problema de todos nós - sexo seguro" - EMFG 'Frei Francisco de Most' Alverne' (NAE-07)

'P.O.S. - corpo: uma visão integrada'

- EMFG 'Paulo Duarte' - NAE-08
- EMFG 'Cleomenes Campos' - NAE-08

'P.O.S. - saúde/bem-estar - dramatização'

EMFG 'Emílio Ribas' - NAE-08

'Teatrinhas'

EMFG 'Des. Paulo Colombo Pereira de Queiroz' - NAE-05

Etapa III: 19 de setembro de 1992.
Palestra:

a) "História da Sexualidade" - Roberto Bromberg.

Etapa IV: 24 de outubro de 1992.
Palestra:

a) "Gravidez na Adolescência" - Dra. Albertina Duarte Tacchini.

Etapa V: 23 de novembro de 1992
Palestra:

a) "Aprendizagem e Sexualidade" - Afécia Fernandez

ANEXO 3 - QUESTÕES: SELEÇÃO DOS PROFESSORES

- 1) Na sua escola seria possível 1 hora aula semanal para orientação sexual?
- 2) É possível, para você, dispor de 3 horas por semana para supervisão?
- 3) Você prefere manhã, tarde ou noite para estas três horas de supervisão?
- 4) Por que você desejaria participar deste projeto?
- 5) Você já trabalhou com orientação sexual de forma sistematizada?
- 6) Os alunos já perguntaram sobre sexo para você? Cite algumas das perguntas. Como você se sentiu?
- 7) Qual a relação que você vê em trabalhar com orientação sexual e sua própria sexualidade?
- 8) Qual o benefício de um trabalho de orientação sexual na sua escola?
- 9) Por que você deveria ser escolhido(a) para este encontro?
- 10) Você se interessaria em se tornar um multiplicador deste tipo de trabalho?

ANEXO 4: PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS E PUBLICAÇÕES

- 1) Revista: Sala de Aula nº 24 - outubro de 1990
reportagem: "SEXO": a escola ainda não sabe encarar essa presença - páginas 18 a 24
- 2) Seminário: "Ser mulher em São Paulo" - Coordenadoria da mulher - março/91.
- 3) Revista Veja São Paulo: Semana de 10 a 16 de junho/91
- 4) Revista Nova Escola - junho/91
- 5) II Encontro de Educadores em Orientação Sexual: Campinas - julho/91
- 6) VI CBE - 6ª Conferência Brasileira de Educação - SP.
03 a 06 de setembro de 1991
Painel: "A Orientação Sexual na Rede Municipal de São Paulo" (apresentado no dia 04/09/91 - 14 às 16:30 hs).
Expositores: Sílvia Duarte Bock (GTPOS)
Márcia Rosa da Silva (GTPOS)
Luzia Suelly Bernardi (DOT/SME)
Eiko Hasegawa Sugiyama (NAE-3)

Na discussão do contrato alguns aspectos são considerados:

- compromisso de frequência e pontualidade;
- respeito à vez e à voz de cada representante do grupo;
- sigilo do orientador e do aluno.

É muito importante que haja sigilo por parte do orientador, ou seja, em nenhum momento deverá comentar, fora do grupo, a posição pessoal de um aluno; a mesma cautela deve existir por parte do aluno, comprometendo-se a guardar sigilo, resguardando as colocações pessoais que possam surgir nas discussões do grupo.

Na abordagem dos temas o orientador utiliza atividades e/ou dinâmicas de sensibilização que facilitem a participação e o envolvimento dos alunos nas discussões e reflexões.

Quando ocorrem "risadinhas" ou aparecem demonstrações de vergonha, timidez, essas não devem ser reprimidas, mas, sim trabalhadas pelo professor, explicando o porquê e discutindo como o grupo está se sentindo.

Os temas são tratados de forma global e enfocados em seus aspectos biológico, social e afetivo, no que diz respeito à sexualidade do adolescente e não a questões pessoais. São evitados os posicionamentos do professor diante de questões polêmicas, sua postura ideológica não deve ser colocada como "a melhor" ou "a verdadeira". Sua função é coordenar, organizar, esclarecer e problematizar, ampliando ao máximo a discussão, trazendo todas as opiniões sobre o assunto.

3.4. - APROFUNDAMENTO TEÓRICO

Teudo em vista a formação permanente e o atendimento à solicitação dos educadores de aprofundamento teórico de temas sobre a sexualidade, foram realizadas de 1990 a 1992, Ciclos de Palestras, com especialistas.

(ver anexo 2)

3.5. AVALIAÇÃO

A avaliação é um aspecto importantíssimo do Projeto e deve ser diagnóstica, processual e contínua.

Propicia que alunos e professores verifiquem o quanto estão se aproximando ou não dos objetivos propostos. O educador deve estar atento ao progresso de seus alunos, e estes, por sua vez, têm a possibilidade de verificar seus próprios avanços, limites e dificuldades.

Para que a avaliação ocorra é fundamental que os envolvidos no processo discutam e registrem a qualidade dos conhecimentos construídos, para planejar novas ações, destacando:

- os conhecimentos construídos pelo grupo;
- as dificuldades no desenvolvimento dos trabalhos;
- as questões que devem ser retomadas;
- as interações: aluno-aluno, aluno-grupo, aluno-professor;
- os encaminhamentos necessários.

Essa avaliação não está restrita às atividades entre alunos e professores. Ela também ocorre nos momentos de supervisão semanal entre professores e coordenadores, referentes à sua prática cotidiana.

III - IMPLANTAÇÃO DO PROJETO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO

Para a implantação do Projeto de Orientação Sexual na Rede Municipal de Ensino, foram estabelecidas duas etapas:

- a primeira, CENTRALIZADA (até dezembro de 1990) - sob a coordenação e assessoria do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual e acompanhamento da Divisão de Orientação Técnica - Ensino de 1ª e 2ª. Gaus.

- a segunda, DESCENTRALIZADA (a partir de janeiro de 1991) - sob a coordenação da Divisão de Orientação Técnica - Ensino de 1ª e 2ª. Gaus e dos Núcleos de Ação Educativa, com assessoria do GTPOS.

1 - PRIMEIRA ETAPA: CENTRALIZADA

Na primeira etapa, centralizada, coube à Divisão de Orientação Técnica de Ensino de 1ª e 2ª. Gaus, o acompanhamento da implantação e implementação do Projeto de Orientação Sexual, garantindo o apoio logístico (infra-estrutura) para o desenvolvimento de suas atividades: Curso Inicial, Saperção Semanal, Ciclo de Palestras, I Mostra dos Trabalhos do Projeto de Orientação Sexual e a adaptação da proposta às condições reais de uma Rede Pública.

1.1 - Dinâmica e Inscrições

Num primeiro momento (abril de 1989), buscamos sensibilizar os diretores, equipes técnicas e professores, através de reuniões junto aos Núcleos de Ação Educativa, oportunidade em que foram explicitadas as propostas do Projeto para adolescentes e as condições para participação: o professor, de qualquer disciplina ou série, interessado em desenvolvê-lo deveria dispor de três horas/aula semanais, além de sua jornada de trabalho, para as atividades de supervisão e encontro com alunos.

A partir desses esclarecimentos, os professores fizeram suas inscrições junto à DOT-2 (Divisão de Orientação Técnica de Ensino de 1ª e 2ª Gaus), mediante preenchimento de um questionário publicado no Diário Oficial do Município. (ver anexo 3)

As questões colocadas neste questionário eram diversificadas. Dentre elas uma era fundamental para a seleção: "os alunos já perguntaram sobre sexo para você?", pois essa questão revelaria uma das principais características do professor de orientação sexual: a proximidade com os alunos.

Nesse momento inscreveram-se 204 professores, envolvendo 92 Escolas Municipais de Primeiro Grau (30% do total das EMFGs da Rede) - que passaram pelo Curso Inicial em agosto de 1989.

No decorrer do trabalho vários professores desistiram do Projeto, alguns por terem dificuldade em freqüentar as supervisões semanais, realizadas em local centralizado, distante da moradia e da Unidade Escolar em que lecionavam; outros, por terem buscado o P.O.S. com a expectativa de encontrarem soluções para seus problemas pessoais, o que não correspondia a essa proposta; e outros, ainda, pela dificuldade em refletir e discutir temas polêmicos e, conseqüentemente, de rever sua própria sexualidade.

Etapa III: 02 de junho de 1990.

Palestras:

a) "Masculino e Feminino" - Maria Rita Kehl.
psicodrama - Maria Alice de Almeida Vasimon.

b) "Papéis de Gênero: aspectos sociológicos e antropológicos"
Carman Lucia de Melo Barros
psicodrama - Aulbino Gonçalves dos Santos.

Etapa IV: 01 de setembro de 1990.
Palestras:

a) "História da Sexualidade" - Roberto Bromberg.

b) "Tabus e Preconceitos" - Suzli Rolnik.

c) "Tabus e Preconceitos vivências" - Alfredo Naffah.

Em 1991, foram abordados os seguintes temas:

Etapa I: 14 de setembro de 1991.

Palestras:

a) "Desenvolvimento da Sexualidade" - Maria Saphyr.

Etapa II: 09 de novembro de 1991.

Palestras:

a) "Papéis de Gênero" - Maria Rute Gonçalves Pereira.

b) "Drogas e Educação" - Benedito Antalberto Bolzetta de Oliveira.

c) "Homossexualidade" - Rosa Toniolo.

Em 1992, foram abordados os seguintes temas:

Etapa I: 23 de maio de 1992.

Palestras:

a) "Homossexualidade" - Marlene Guirado (USP).

Etapa II: 13 de junho de 1992.

Palestras:

a) "Sexo Seguro" - Vera Paiva (USP).

b) "AIDS e o Projeto de Orientação Sexual"
Maria Cecília Pereira Silva (GTPOS).

c) "AIDS: um problema de todos nós"
Theremba Cristina dos Reis Pinto (SME).

2) Temas polêmicos: discussão de dois temas.

- podem ser escolhidas duas entre três técnicas para esse trabalho.

- discussão em dois grupos: um contra, outro a favor (para temas que também são informativos, como masturbação ou homossexualidade).

- dramatização (para temas que tratam mais de valor/moral, como, por exemplo, dupla moral).

- discussão e reflexão sobre questões propostas para o grupo a respeito dos temas escolhidos.

Tarde

1) Resgatar vivências do período da manhã (uma só palavra em voz alta).

Esse trabalho já é um aquecimento e um feedback de como o grupo está avaliando o encontro.

2) Escolha e reflexão de um tema do livro "Sexo para Adolescentes", considerado difícil pelo grupo para trabalhar com os adolescentes.

3) Troca de experiências profissionais entre os participantes (grupo)

- dificuldades de implantação de um programa desse tipo

- pais, instituição, comunidade escolar, horário sistematizado (como você implantaria este programa na sua escola).

4) Avaliação, retomando as expectativas do começo do trabalho

- avaliação feita através de uma criação conjunta das faixas desse grupo no desenvolvimento da compreensão da orientação sexual.

ANEXO 2: APROFUNDAMENTO TE: h CICLO DE PALESTRA

Em 1994, foram abordados os seguintes temas:

Etapa I: 07 de abril de 1990.

Palestras:

a) "Desenvolvimento Sexual: uma visão psicanalítica" Dra. Maria Helena Fontes.

b) "Homossexualidade" Dr. Içami Tiba.

Etapa II: 19 de maio de 1990.

Palestras:

a) "O que é AIDS: mitos e formas de transmissão" Dra. Maria Eugênia Fernandes.

b) "Os números da AIDS no Brasil e no mundo" Dr. Paulo Roberto Teixeira.

c) "Sexo sem risco: os educadores e o seu papel na informação"

Prof. Mario Sérgio Cortella.

Diante desse fato foram realizadas novas inscrições, que ocorreram em outubro de 1989 e novamente em março de 1990. Os dados abaixo nos mostram a abrangência do Projeto nessa etapa:

1a. etapa Centralizada - 1989/1990	
Escolas:	111
Professores:	179
Alunos de 5a. a 8a. séries:	5.517

1.3- Envolvimento das Equipes Pedagógicas das Escolas

Com a perspectiva de tornar o P.O.S. parte integrante do Plano Escolar das Unidades envolvidas, foram organizadas várias atividades (Curso Inicial, palestras e reuniões) com os Coordenadores Pedagógicos.

Essas atividades tinham como objetivo o conhecimento do Projeto, seus princípios, sua metodologia; o aprofundamento teórico sobre o desenvolvimento da sexualidade humana; e a reflexão sobre a função do Coordenador Pedagógico enquanto articulador desse processo.

1.3. AVALIACÃO

Em novembro de 1990 foi realizada a 1ª Mostra dos Trabalhos em Orientação Sexual na Rede Municipal de Ensino que contou com a participação de educadoras das redes de ensino Municipal, Estadual e Particular e teve como objetivo a divulgação e apresentação de dados referentes ao trabalho realizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo - PMSP.

Entre as atividades programadas, tivemos: depoimentos de professores e alunos, mostra de trabalhos, apresentação de vídeos elaborados durante os encontros com alunos.

Esse evento foi um dos indicadores de avaliação do Projeto, no período de-1989 a 1990, que, somado às avaliações realizadas pelos professores, alunos e GTPOS, nos permitiram identificar os temas de maior interesse dos educandos, os aspectos positivos e as dificuldades encontradas nessa etapa Centralizada.

Vizos que os temas mais solicitados pelos alunos foram:

- masturbação;
- gravidez/parto;
- virgindade;
- doenças sexualmente transmissíveis;
- aparelho reprodutor;
- métodos anticoncepcionais;
- namoro;
- menstruação;
- AIDS;
- homossexualidade;
- aborto

Na discussão, outros temas decorrentes surgiram:

- respeito mútuo;
- responsabilidade sexual;
- casamento;
- erotismo;
- família;
- amizade;
- drogas;
- adolescência;
- prazer;
- tabus e preconceitos

Como aspectos positivos ressaltamos:

- o intenso trabalho de preparação dos professores que ocorreu, principalmente, através das supervidas semanais e ciclos de palestra. Para cada hora/sala com os educandos, eles tiveram duas horas/sala de supervisão com a equipe do GTPOS.
- Tais atividades vinham ao encontro do princípio da SME de Formação Permanente dos educadores que inclui aprofundamento teórico e troca de experiências, visando à construção e reconstrução coletiva da prática, ao crescimento individual e do grupo e à consolidação dessas ações.

- a criação, na escola, de um espaço que oferece ao adolescente a oportunidade de discutir e refletir sobre emoções e valores; estabelecer idéias próprias sobre a vida sexual; conhecer e aprender a respeitar seu próprio corpo; valorizar seus sentimentos e o das outras pessoas e obter informações, o que poderá acarretar uma vivência sexual na adolescência e na vida adulta com maiores possibilidades de prazer, de amor e de liberdade com responsabilidade.

- a aceitação do Projeto em nível de escola. Foi extremamente gratificante a inscrição de 1/3 das escolas da Rede, e o trabalho realizado por 179 professores que o desenvolveram com seriedade.

- o trabalho conjunto, realizado pelas equipes DOT - GTPOS, possibilitou trocas significativas em relação às experiências que cada uma trazia: o acúmulo de vivências de uma rede pública, com seus avanços e dificuldades, de um lado (DOT); e a formação específica diversificada de outro (GTPOS - equipe de psicólogos, psicodramatistas e pedagogos) - que trouxe o crescimento das equipes e possibilitou a viabilização do Projeto na Rede.

VI- ANEXOS

ANEXO I - CURSO INICIAL (16 horas) PARA PROFESSORES ORIENTADORES SEXUAIS

PRIMEIRO DIA

Manhã:

- Informações e Esclarecimentos sobre o Projeto;
- 1) apresentação dos participantes em duplas
- um apresenta o outro

- 2) levantamento das expectativas individuais

- trabalho realizado com desenho, poesia, dobradura

- 3) trabalho com as expectativas de acordo com a realidade da proposta.

- 4) contrato: horário
sigilo
frequência

Tarde:

- 1) sensibilização sobre a adolescência de cada um.

- como foi?

- para quem levou dúvidas?

- como gostaria que tivesse sido, imaginar situações tanto em casa como na escola.

Compartilhar a vivência com colega.

Compartilhar a vivência com o grupo (relacionando com o momento atual).

- 2) Orientação Sexual X Educação Sexual

- diferenças

- introduzir pais e instigação (dois grupos discutindo como falariam com a equipe escolar sobre o Projeto).

- 3) levantamento de temas que gostariam de discutir

- votação dos temas escolhidos.

SEGUNDO DIA

Manhã

- 1) Corpo

- utilização de massa: cada um modela um corpo

cada um modela um aparelho genital ou

desenho, pelo grupo, de um corpo completo.

- utilização de cartazes sobre o corpo humano ("boneca Getrudes") para

esclarecimento das dúvidas.

- apresentação de slides (o grupo pode comentar a função do que está sendo

apresentado).

Nos primeiros encontros, promover debates foi bastante difícil, pois muitos adolescentes não falavam nada ou não conseguiam dar sua opinião.

Foi muito estimulante ver que, à medida em que iam participando das dinâmicas de grupo, das brincadeiras, das dramatizações, começavam a se manifestar mais livremente.

Num dos encontros o assunto era ciclo menstrual e período fértil. Um dos adolescentes colocou: "Professora, este assunto não me interessa, é coisa de mulher". Imediatamente um colega retrucou: "O meu! Se sua 'minha' engravidar e o pai dela colocar um 'tresoião' na sua cabeça e obrigar você a casar, você ainda vai pensar que este assunto não lhe interessa?".

Neste caso é, em muitos outros, os adolescentes encontraram a solução, sem muita interferência.

No final do primeiro semestre já era difícil fazer com que cada um esperasse a vez de falar, visto que todos tinham sempre algo a dizer.

Terminei o ano com 23 adolescentes participando do grupo. Os que desistiram o fizeram por terem que trabalhar ou mudar de escola.

Fiquei com a sensação de ter dado um passo à frente, de ter, verdadeiramente, contribuído para o crescimento e o desenvolvimento desses adolescentes.

Hoje, coordeno grupos formados por 65 professores do Projeto de Orientação Sexual, junto ao NAE 5 (Núcleo de Ação Educativa nº 5), na região de Campo Limpo.

Os professores de 2ª e 3ª ciclos trabalham com turmas de alunos. Este ano o Projeto foi estendido para alunos do curso noturno, regular e suplicância. Conseguimos atender 1500 alunos das escolas da nossa região.

Começamos, também, a trabalhar com coordenadores pedagógicos e professores das EMELs (Escolas Municipais de Educação Infantil) e de 1º ciclo, numa proposta que implica reflexão sobre temas ligados à sexualidade infantil e situações emergentes das salas de aula, sem envolver grupos de alunos.

Nas supervisões que coordeno, vejo os professores passando pelas mesmas dúvidas e incertezas que passei. Tenho feito de nossos encontros semanais momentos descontruídos de reflexão, nos quais compartilhamos nossas descobertas e experiências. Às vezes, vejo-os decepcionados por não obterem respostas prontas. Elas simplesmente não existem. O nosso caminhar é construído coletivamente e pautado na prática, no dia-a-dia com os adolescentes.

O passo à frente foi dado!

É imenso o valor de um trabalho como este, pioneiro e inovador. Seus resultados são evidentes. Muita coisa já foi feita mas, há ainda muito por fazer. Pais de alunos e funcionários das escolas também querem participar do Projeto.

O Projeto de Orientação Sexual é, sem dúvida, um trabalho maravilhoso do qual me orgulho em participar e que precisa continuar.

o empenho da SME e de setores administrativos em atender aos pedidos de remuneração dos professores em todas as atividades do Projeto que foram realizadas fora do horário regular, de envio de um acervo básico de literatura específica com 17 títulos para todas as escolas que possuem Sala de Leitura (na ocasião, 318); envio de três jogos completos do material pedagógico sobre o Aparelho Reprodutor Masculino e Feminino (chamado "Bococa Gertrudes") para cada Escola Municipal de 1ª e 2ª. Graus.

Entre as dificuldades encontradas apontamos:

a divulgação do Projeto nas escolas municipais, basicamente via Diário Oficial do Município;

espaço físico, nas Unidades Escolares, para os Encontros com os alunos, realizados fora de seu horário regular, pois a maioria das escolas não possui espaços ociosos, dada a necessidade de atendimento à demanda escolar.

a integração do Projeto na escola, dado o caráter individual das inscrições. As atividades realizadas, pela DOT e GTPOS, com Diretores e Coordenadores Pedagógicos não foram suficientes para incluí-lo nas propostas pedagógicas das escolas.

A avaliação desse período nos apontou a necessidade de reformulações que se deram na etapa seguinte, descentralizada.

2. ETAPA DESCENTRALIZADA

A segunda etapa, descentralizada, atendeu a um dos princípios da Administração que visava ao fortalecimento dos Núcleos de Ação Educativa (NAEs) e à consequente redefinição do papel dos órgãos centrais.

Nessa etapa ocorreram modificações nas funções dos elementos que trabalham no Projeto. O GTPOS, que anteriormente tinha a coordenação do trabalho, assessoria e supervisão direta aos professores, passou a assessorar a equipe DOT/NAEs, através de três de seus representantes; a DOT de 1ª e 2ª Graus, que exercia a função de acompanhamento, passou a coordenar o Projeto em nível de Rede e assessorar, junto com o GTPOS, os representantes do P.O.S. de cada NAE. A esses representantes de NAEs cabe a supervisão dos professores inscritos no Projeto e a coordenação do mesmo, em sua região. Devido à descentralização, cada um dos dez NAEs, a partir de 1991, passou a contar, em sua equipe pedagógica, com um Coordenador do Projeto de Orientação Sexual, selecionado entre os professores que desenvolveram a proposta em 1989 e 1990.

O trabalho de coordenação e assessoria, em nível central, é realizado através de:

- reuniões entre equipes de DOT/GTPOS para planejamento dos Encontros com os representantes de NAEs, reflexão e avaliação dos Encontros anteriores, e preparo de subúbdios e materiais;

- reuniões com as equipes de DOT/GTPOS/NAEs para coordenação e assessoria, organização dos trabalhos, viabilização da integração com as equipes escolares, elaboração de documentos, registros dos trabalhos e assessoria específica.

Essas reuniões são realizadas de forma colegiada. A natureza de decisões colegiadas reflete uma organização que propicia:

- a participação dos representantes envolvidos em diferentes níveis, nas decisões político-educacionais;

- a visão geral dos trabalhos na Rede;

- a formação permanente de todos os participantes do processo através da socialização e reflexão de teorias, informações e experiências que podem gerar formas alternativas de ação e/ou avanços;

- o compromisso com o coletivo e a tomada de consciência dos limites e das possibilidades de atuação individual e grupal.

A co-participação implica na colaboração, divisão de responsabilidades, compartilhamento das dificuldades dos envolvidos e na maximização das potencialidades profissionais de cada um.

O Projeto sofreu algumas modificações em sua organização, com base nas avaliações ocorridas durante a primeira etapa, a saber:

a) Inscrições passaram a ser da Unidade Escolar, com indicação de professores interessados, para que esse Projeto fosse inserido na proposta pedagógica da escola;

b) Reuniões para Coordenadores Pedagógicos: com a finalidade de que a integração dentro da escola se viabilizasse;

c) Supervisões semanais de três horas/aula: atendendo às reivindicações dos professores de se garantir um horário para planejamento dos Encontros com alunos e preparo de material, assim, as supervisões semanais passaram a contar com uma hora/aula a mais;

d) Atendimento a alunos de 4ª a 8ª séries (EMPGs e EMEDAs): as prioridades seriam estabelecidas pela escola, de acordo com o levantamento das necessidades detectadas pela equipe escolar, não se restringindo somente a uma ou duas séries.

2.5. COORDENADORA DO P.O.S. NO NAE

Olga Maria de A. Mekhannu Abrantes
Coordenadora de P.O.S. no NAE-5

Desde meus primeiros tempos como professora de Ciências percebi ser a programação oficial, incoerente e inadequada à realidade dos nossos alunos. Passei então a usar muita criatividade, no sentido de tornar minhas aulas interessantes, abordando temas atuais, em discussões abertas e democráticas.

Sentindo-se mais à vontade para falar, meus alunos passaram a apresentar frequentemente temas e questões ligados à sexualidade.

O que fazer então?

Não me sentia à vontade para tratar de assuntos tão íntimos com a mesma naturalidade com que falava de "Ciências".

Até que ponto poderia falar? Como discutir esses assuntos dentro dos "muros" escolares, sem constrangimento?

Providenciamente, tomei conhecimento do Projeto de Orientação Sexual que teve seu início na Rede Municipal de Ensino em 1989, com a orientação do GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual), coordenado pela Psicóloga Maria Sulpicy.

Em busca de soluções urgentes, inscrevi-me no Curso Inicial de 16 horas, condição para participar do Projeto.

Passei um final de semana interessante, onde tive a oportunidade de refletir e rever meus conceitos ligados à sexualidade.

Voltei para casa um pouco apreensiva. A proposta era bem diferente da que eu imaginava, pois não iria trabalhar com os alunos durante as aulas. Formaria turmas de interessados para trabalhar fora do horário semanal.

Para participar do Projeto os alunos teriam que ter autorização dos pais.

Eu deveria criar situações propícias para uma livre discussão de temas ligados à sexualidade, escolhidos pelos adolescentes. Não iria responder perguntas. Aprendi que em sexualidade não existem respostas prontas. Minha função seria coordenar os trabalhos, providenciar material para consultas e orientar os debates. Os encontros semanais nada teriam a ver com aulas tradicionais.

Pareceu-me um trabalho difícil, mas resolvi aceitar o desafio.

Na semana seguinte promovi uma reunião de pais, para explicar como seria o meu trabalho. A educação sexual continuaria a ser de responsabilidade deles. Não me caberia dizer o que é certo ou errado ou ditar normas de conduta, mas apenas orientar seus filhos, oferecendo-lhes a oportunidade de refletir e obter informações sobre sua sexualidade.

Formei uma turma de 39 adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 12 e 16 anos, todos cursando a 6ª série do 1º grau.

No início estávamos um pouco assustados, pois era tudo novidade para eles e para mim. Começamos levantando um contrato de trabalho no qual o próprio grupo estabeleceu as regras: pontualidade, assiduidade, sigilo sobre as colocações feitas no grupo e respeito pelos colegas participantes.

Os temas sugeridos pelos alunos foram: aparelho reprodutor e órgãos sexuais, contracepção, gravidez, parto, esterilidade, aborto, relações sexuais, virgindade, anticoncepção, homossexualidade, masturbação, AIDS e doenças sexualmente transmissíveis.

A ordem da discussão destes temas foi sendo alterada, segundo solicitação dos participantes.

Sinto-me mais confiante e, junto com alunos e amigos, descubro um novo lado meu, até então inexistente: a naturalidade em dialogar sobre sexualidade.

O que antes era vergonhoso se transforma em algo natural, e a cada encontro ocorre um aprimoramento em minha antiga postura e cresce a esperança de que esta nova semente que germina aos poucos, possa crescer, fortalecer e florescer.

2.4. EDUCADORAS: P.O.S. EDUCAÇÃO INFANTIL

Vera Maria Lara de Siqueira
Sílvia Mara de Sá Marzúgila
Educadoras: EMEI "Alcides de Almeida"

Somos educadoras na FMSP há alguns anos e sempre percebemos, na prática pedagógica, manifestações de sexualidade nas crianças.

Não foram poucas as vezes que nos deparamos com situações difíceis de lidar. O tipo de orientação recebida não nos possibilitava trabalhar a questão, apenas reforçava preconceitos e tabus.

Foi então que, em 1992, houve a possibilidade de participação no projeto de Orientação Sexual.

Com o Grupo de Orientação Sexual discutimos o papel do educador na área da sexualidade cuja intenção é aumentar a possibilidade de uma vida prazerosa e responsável.

Através de dramatizações, de situações de sala de aula foram se definindo algumas formas de atuação.

Muitos textos foram lidos e, após um ano de trabalho, algumas coisas começaram a ser definidas. Ficou claro que é necessário garantir que o processo da criança não seja acelerado, que a curiosidade não seja proibida e que ela tenha a possibilidade de perceber limites.

O conhecimento sobre a sexualidade infantil permite ao professor diferenciar comportamentos corriqueiros, espontâneos, naturais de comportamentos inadequados.

Ficou claro, ainda, que o educador deve sempre transmitir informações corretas.

Para que o professor consiga atuar de forma natural e tranquila, precisa lidar com sua própria sexualidade.

O trabalho de formação permanente do educador, previsto neste Projeto (Curso Inicial e Supervisão quinzenal), possibilita a reflexão sobre sexualidade, preconceitos, tabus, o aprofundamento teórico e a estruturação deste trabalho em nossas escolas.

O trabalho continua e a busca de novas formas de atuação também. Fica a esperança de que as crianças possam vivenciar sua sexualidade de forma mais tranquila e viam a se tornar adultos com maiores possibilidades de realização.

Com a descentralização conseguimos expandir o Projeto, como demonstra o quadro:

	1a. Etapa: Centralizada	2a. Etapa: Descentralizada
	1989/1990	Dist./1991 Junho/1992
ESCOLAS	112	203
PROFESSORES	179	628
ALUNOS	5 517	12 000
		14.333

2.1. AMPLIAÇÃO DO PROJETO EM 1992

Com a expansão e a divulgação do Projeto na Rede surgiu uma nova demanda para atendimento às demais modalidades existentes no Ensino Municipal: Noturno regular e suplência (adultos e adolescentes), Ciclo Inicial (faixa de 7 a 10 anos) e Educação Infantil (faixa de 4 a 6 anos).

A- ENSINO NOTURNO

A Orientação Sexual para o Ensino Noturno segue as mesmas diretrizes e a mesma estrutura da proposta desenvolvida com os adolescentes do período diurno. No entanto, para possibilitar a participação do aluno, esse Projeto poderá ocorrer, também, dentro do seu horário regular de aula. Para isso a escola deverá elaborar uma proposta de organização prevendo atividades para os alunos que não fizeram as opções indicadas.

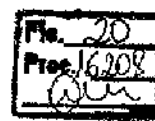
B- CICLO INICIAL E EDUCAÇÃO INFANTIL

O trabalho de Orientação Sexual no Ciclo Inicial e na EMEI não prevê a formação de grupos de alunos, nem momentos pré-estabelecidos e sistematizados como o grupo classe para discussão de temas específicos sobre a sexualidade em nossas escolas.

Visa garantir a formação de educadores, para que estes sejam capazes de perceberem a que a sexualidade é uma das dimensões de qualquer trabalho educativo: perceberem a importância de acolher as diferentes manifestações da sexualidade em seus alunos, podendo lidar, no cotidiano da sala de aula, com essa questão.

De cada escola inscrita no Projeto são envolvidos dois representantes um professor e um coordenador pedagógico.

Esse trabalho compreende atividades específicas realizadas no NAE e na escola. No NAE são desenvolvidos os encontros: Inicial (8 horas de duração), de supervisão quinzenal, de aprofundamento teórico e oficinas.



Esses encontros têm as mesmas características e objetivos que os desenvolvidos na proposta de trabalho com adolescentes e são coordenados no Ciclo Inicial por um representante do Projeto no NAE. Na EMEI a coordenação está sob a responsabilidade de um integrante do GTPOS, que é acompanhado pelo coordenador do Ciclo Inicial e um dos componentes da equipe de educação infantil do NAE(4).

Na escola são realizadas reuniões e/ou grupos de formação com os educadores sob a coordenação do CP e do Professor, representantes do Projeto, que são responsáveis por planejar como e quando desenvolver reflexões sobre a sexualidade com o coletivo da escola.

QUADRO DE ATENDIMENTO ÀS EMEIS E AO CICLO INICIAL - 1992

	ESCOLAS	EDUCADORES
EMEIS	101	189
CICLO I	73	101

2. DEPOIMENTOS

2.1 PAIS

Maria Aparecida dos Santos Dechen
Felipe Carlos Dechen
(Pais de aluna da EMPG "Noé Arredo")

Como pais de aluna da 5ª série da EMPG "Noé Arredo", achamos o Projeto de Orientação Sexual muito bom e oportuno, pois vem proporcionando aos alunos um esclarecimento gradual e equilibrado, com muita naturalidade, próprio para o momento em que vivemos, já que precisamos preparar a atual geração para o convívio com doenças como, por exemplo, a AIDS.

O Projeto é muito importante, também, na medida em que rompe uma série de tabus seculares, em relação à sexualidade, tratando-a como realmente deve ser vista: com naturalidade.

2.2. ALUNO:

Regina Aparecida Santos - Aluna do 1º Ano do Ciclo Final da EMPG "Joaquim Oswaldo Duque Estrada"

Gostei muito de participar da orientação sexual, aprendi muito sobre o meu corpo e sobre namoro.

Às vezes eu achava que já sabia de tudo sobre sexo, mas depois que comecei a participar das aulas eu vi que não sabia de nada, mas aprendi muito.

Eu tinha vergonha de falar sobre sexo com meus pais e com meus amigos, mas agora percebi que sexo é uma coisa normal e não tenho mais vergonha de falar.

Gostei dos debates que fizemos em grupo, das leituras e das brincadeiras. Realmente eu gostei muito de tudo e de todos que participaram porque as pessoas do curso não faziam piadinhas e foram todos "adultos" para eu entender.

2.3. PROFESSOR: P.O.S. - CICLO INTERMEDIÁRIO E FINAL

Irane Santos da Silva - Professora da EMPG "Professora Maria Helena Faria Lima"

Ao fazer a minha inscrição no Projeto de Orientação Sexual, fiquei na expectativa pois me interessei em obter informações que não sabia e, principalmente, fiquei muito curiosa e ansiosa em descobrir de que maneira poderia transmitir algo que eu própria não possuía.

No decorrer dos encontros de Supervisão do P.O.S., fui me redescobrir e percebendo de que forma me posicionava em relação à minha sexualidade e quais as minhas reações perante o comportamento sexual das pessoas.

Obtive informações valiosas que me abriram os olhos para a realidade que vivemos e como podemos enfrentá-la!

(4) O acompanhamento das atividades gerais do P.O.S. nas EMEIs foi realizada pela Direção de Orientação Técnica de Educação Infantil.

Durante a exposição das respostas percebi que os alunos se preocupavam mais em discutir a virgindade da mulher, esquecendo a do homem. Logo após, então, que pensassem e discutissem as seguintes questões:

- a virgindade só está na mulher? e o homem?
- perder a virgindade é só ocorrer o rompimento do hímen? (para refletir sobre esse mal que muitos jovens realizam para que não ocorra o rompimento).
- o que significa a mulher não ser deflorada?

Percebi, também, que o grupo ficou dividido quando uma parte achou que a mulher não precisa casar virgem, pois tem os mesmos direitos que os homens, e a outra, que a mulher deveria casar virgem por vários motivos:

- evitar a gravidez
- evitar AIDs
- preocupação com a honra

Nesse momento, fiz os seguintes questionamentos:

- o que é manter a honra da mulher?
- a AIDs é evitada apenas pelo ato de se casar virgem?
- problemas da gravidez na adolescência: como evitar?

Em relação à virgindade do homem, a maioria das respostas foi que o homem não precisa casar virgem, porque:

- deve ter experiências anteriores;
- tem necessidade de ser um "professor" no casamento.

Nessa reflexão os alunos perceberam as semelhanças e diferenças entre as respostas deles e as da outra geração. Percebi a influência família - filhos.

Durante a discussão não foram dadas respostas de certo e errado os alunos que decidiram.

A partir deste trabalho aprofundamos as seguintes questões:

- gravidez na adolescência
- preocupação do menino virgem (influência social)
- a menina virgem diante do convite do namorado
- machismo do homem sobre a menina não virgem
- desejo sexual para o homem

- namoro: menina que namora muitos rapazes

Para desenvolver cada uma dessas questões elaborei uma situação-problema ("você decide"), propondo dramatizações.

Outros temas permearam essas discussões:

- métodos anticoncepcionais
- aborto
- afetividade
- AIDs
- responsabilidade
- prostituição
- história da sexualidade

Para concluir o tema passei os filmes:

- "Virgem - Idade" e "Meninos: 1ª vez" (produzidos pela ECO's).

Esse trabalho levou várias aulas, devido à variedade de assuntos que foram abordados.

Os alunos participaram ativamente e através de seus próprios relatos percebi que esse processo de reflexão e problematização permitiu o avanço dos alunos em relação a elaboração e a expressão de suas opiniões.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para mostrarmos a abrangência do Projeto de Orientação Sexual na Rede Municipal de Ensino, apresentamos o quadro de dados gerais sobre o mesmo.

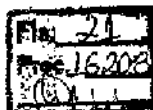
QUADRO GERAL DO PROJETO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL DE 1989 a 1992

	1989-1990	1991	1992
Projeto de atendimento ao Adolescente:			
Nº de Escolas	112	203	212
Nº de Professores	171	628	530
Nº de Alunos:			
• Regular Diurno	5517	12000	12511
• Regular Noturno	-	-	1397
• Suplência I	-	-	335
• Suplência II	-	-	190
Projeto de atendimento ao Ciclo Inicial:			
Nº de Escolas	-	-	73
Nº de Professores	-	-	80
Nº de Coord. Pedag.	-	-	31

O Quadro demonstra a expansão gradativa do Projeto. Optou-se por essa forma de expansão por ser esta uma proposta nova a ser implantada na Rede pública. Isso possibilitaria o seu acompanhamento sistemático, no sentido da superação das eventuais dificuldades, bem como das definições de encaminhamentos necessários, permitindo uma estrutura que viabilizasse e garantisse o funcionamento e a qualidade do Projeto.

É importante salientar a quantidade de professores envolvidos no Projeto, entre 1989 e 1992. Foram atendidos, nesse período, 1105 professores. Cabe ressaltar que a somatória dos dados apresentados no Quadro é superior a esse número, em função da permanência de vários educadores, nesse trabalho, em dois ou mais anos.

Podemos observar que a maioria desses professores por terem participado de vários momentos de formação, demonstraram uma postura diferenciada em relação à questão da sexualidade e ao seu papel de educador, possibilitando a sua integração em outros projetos desencadeados pela SME ou pelas próprias Unidades Escolares.



É nessa perspectiva que apontamos alguns depoimentos:

"O projeto me ajudou bastante, tanto na vida pessoal, como na profissional, levando-me a repensar e refletir atitudes enraizadas de uma educação casadora, repressiva e autoritária. Com o projeto passei a entender melhor as ansiedades e dúvidas de muitos alunos, procurando assim diminuir-las". (Eliete Aparecida Beghini de Nêbrega - professora: EMFG "Marcehal Rondon").

"Quando iniciei o P.O.S. estava perplexa, imagine! Soltar-me de uma hora para outra, no meio de outros colegas, carregando uma educação fechada, opressiva, cheia de tabus. Com o decorrer do processo fui me sentindo mais solta, e achei maravilhoso, pois mudei minha postura em sala de aula e passei a compreender melhor meus alunos". (Marta de Lourdes P. Falcão - professora: EMFG "Prof. Nod de Azevedo").

"Ao iniciar o projeto, 1989, eu era uma pessoa e ao término de 1993, sinto-me outra, com uma visão totalmente reformulada e ampliada de minha sexualidade e dos problemas que refletem uma sexualidade não trabalhada.

Valou irreversivelmente esta experiência, interferiu muito na minha vida pessoal e profissional, levando-me a tomar de decisões sérias em nível de relacionamento". (Linda Miranda Costa - Coordenadora do Projeto no NAE-6)

"A minha expectativa na 1ª fase - Curso Inicial - era muito grande, queria encontrar todas as respostas para as minhas ansiedades sexuais e com o andamento do curso e a supervisão semanal estas mesmas ansiedades foram diminuindo, tornando-se mais calmas; os assuntos como: masturbação, menstruação, gravidez, homossexualidade, namoro etc, além das dinâmicas de sensibilização, me serviram de embasamento para diminuir os tabus criados na minha infância, adaptando-me a idade adulta". (Jorge Alberto Tanzi Spinala - professor: EMFG "João Ramos")

"Vou começar pela conclusão: eu creio! Tenho certeza que os alunos cresceram comigo! Está sendo muito boa esta experiência porque estamos aprendendo a nos conhecer melhor.

Com o passar do tempo e o acúmulo de encontros fomos amadurecendo (me inclino, porque também para mim foi um exercício de vida), esclarecendo dúvidas, etc". (Marta Genicolo Muniz - professora: EMFG "Paulo Nogueira Filho")

"Quando resolvi me inscrever no P.O.S. não esperava que fosse me surpreender tanto com minhas descobertas.

Nessa caminhada pude lançar meu olhar para além de minhas barreiras e preconceitos.

Foi fascinante refletir sobre minha prática como educador | e perceber o quanto penso e sou capaz de me tornar alguém "perguntável"; aberto para o grupo com o qual trabalho e convivio; foi bom deixar de ver-las como seres sem sexualidade, sem dúvidas e que a todo momento me dão sinais de seus interesses, vontades e sensações". (Marta Elizabeth Ferreira - professora de EMEI - Equipe do NAE-10)

A partir dessa revelação trabalhados os diferentes apelidos que eles conheciam para os órgãos sexuais e para a relação sexual, relacionando-os com os nomes reais, ampliando o vocabulário desses alunos.

Através de atividades lúdicas, sílicas e atividades variadas, pude trabalhar a função de cada órgão, sua higiene, cuidados, enfim, o aluno a cada dia apropriava-se do seu corpo, sentindo-se dono dele, aprendendo a lidar com suas emoções, suas limitações e seus medos.

Outro problema que enfrentei ao trabalhar com adultos foram as superstições, as crenças. Alguns alunos traziam em sua bagagem cultural uma série de dogmas, que se cristalizaram e se tornaram leis.

Uma aluna afirmou veementemente que uma mulher só engravida após a 7ª (sétima) relação sexual.

Por todas essas coisas, a Orientação Sexual com adultos é um trabalho rico, porque os alunos trazem experiências reais, vivenciadas no seu cotidiano, as quais, a meu ver, não devem ser anuladas e sim ampliadas e transformadas.

Espero poder dar continuidade a esse trabalho que muito contribuiu para a construção do conhecimento do aluno de Suplência I na área da sexualidade.

B. Trabalho desenvolvido pela professora Ilma Lopes de Aquino com alunas do 2º ano do Ciclo Intermediário da EMFG "Paulo Duarte".

Tema: "Virgindade: ontem e hoje"

Os alunos realizaram uma pesquisa com pais, avós, tios, pessoas de outra geração e com colegas da escola sobre as seguintes questões:

- a) o que é virgindade?
- b) você acha importante a mulher ser virgem ao se casar?
- c) o homem deve casar virgem?

Com os dados obtidos, realizamos uma tabulação:

- algumas das respostas dadas pelos alunos:
- virgindade é quando a pessoa nunca fez amor/sexo.
- virgindade é quando o kimen da mulher não foi rompido.
- a mulher casando virgem é mais valorizada.
- a mulher tem que ter relação antes do casamento.
- a mulher não deve casar virgem, o que importa é a personalidade.
- o homem deve casar virgem, porque ele é igual a mulher e deve guardar sua honra.
- o homem não deve se casar virgem, porque precisa ter experiência para ensinar as mulheres virgens.

- algumas respostas dadas por pessoas de outra geração:
- virgindade é não ter relação antes do casamento.
- virgindade é uma coisa que todos devem preservar.
- a mulher deve se casar virgem porque o homem a respeita mais.
- não há necessidade de a mulher casar virgem.
- a virgindade da mulher torna o casamento mais completo.
- antes todas as mulheres casavam virgens, hoje é uma bagulha.
- o homem não deve casar virgem, porque precisa ter experiências anteriores.
- o homem não deve casar virgem porque a maioria tem desejo antes do casamento.

V - RELATOS E DEPOIMENTOS

1. RELATOS DE PRÁTICAS:

A. Trabalho desenvolvido pela professora Sônia Cento Souza Feltes na EMFG "Frei Francisco de Mont'Alverne" - NAE-7 (sob a supervisão de Rêa V. Baptista) juntamente com as professoras: Rosângela Pereira Venúccie e Vilma Moraes Silva - 1992.

Quando tomei conhecimento do Projeto de Orientação Sexual desenvolvido na Redç. Municipal, senti um grande interesse em conhecer melhor esse trabalho. Como educadora de EDA (Educação de Adultos), desde 1976, conhecia bem as ansiedades que esses jovens e adultos tinham e sabia que um dos maiores centros de interesse desses alunos estava na área da sexualidade.

Em abril de 92, eu e mais duas professoras começamos o Projeto de Orientação Sexual nas classes de Suplência I da EMFG "Frei Francisco de Mont'Alverne", envolvendo alunos com faixa etária entre 14 e 60 anos.

Sabia que, para despertar o interesse desses alunos para a participação nas aulas, eu teria que sensibilizá-los, resgatando o sentido holístico da sexualidade.

Para isso resolvi começar com o conhecimento do corpo.

Qual não foi a minha surpresa quando percebi que o que para mim seria o conhecimento, o aprofundamento, para eles estava sendo a descoberta.

Eles pouco ou quase nada conheciam sobre seu próprio corpo.

Para ilustrar melhor essa afirmação, vou relatar um episódio acontecido em uma das aulas.

O objetivo do trabalho era detectar o que cada um conhecia sobre seu corpo. Para isso coloquei duas folhas de papel pardo no chão, do tamanho de uma pessoa adulta e pedi para que dois alunos, um rapaz e uma moça deitassem sobre as folhas, enquanto outros dois os delineavam com giz. Ao término dessa primeira parte, discutimos as formas: porque o corpo da mulher é mais dotado de curvas, o do homem é menos curvilíneo, enfim, trabalhamos as diferenças. A seguir distribuí a cada grupo (rapazes e moças) uns cartõzinhos com nomes de órgãos que são comuns aos dois sexos e com órgãos dos aparelhos reprodutores masculinos e femininos. Determinei um tempo para que cada grupo distribuisse seus cartõzinhos nos lugares certos e aquele que terminasse primeiro seria o campeão. Dado o sinal de largada começaram a colocar os cartõzinhos nos corpos delineados na folha. O grupo que terminou primeiro foi o das moças. Fomos, então, conferir se eles haviam colocado tudo certo. Foi aí que pude constatar o total desconhecimento que eles tinham. O único órgão colocado no lugar certo por ambos os grupos foi o coração.

O que me chamou mais a atenção foi um fato acontecido no grupo dos rapazes. Eles colocaram o cartõzinho com o nome testículo na cabeça; argüentei o porque de eles terem feito isso. Eles me responderam:

Como a gente não sabia o que era testículo, resolvemos colocar na cabeça, pois com esse nome difícil só pode ser alguma coisa na cabeça.

Perguntei às moças se elas sabiam o que era testículo e a resposta também foi negativa.

Quando mencionei o apelido do referido órgão, os rapazes disseram:

Ab... é isso professora? Por que a senhora não perguntou pelo nome que a gente conhece?

Então eu expliquei que embora os apelidos sejam mais generalizados, o conhecimento do nome não pode ser descartado. Algumas senhoras reforçaram isso cobrando que muitas vezes, em visitas a médicos e ginecologistas, não entendiam as explicações justamente porque conheciam só os apelidos.

O projeto de Orientação Sexual, proposto para as EMEIS, reduziu-me pelo pioneirismo do tema, em se tratando de crianças de 3 a 6 anos. Até então, curiosidades e situações apresentadas pelos alunos sobre o assunto eram tratadas com medidas imediatistas, superficiais e até mesmo repressivas.

Hoje é claro para mim que o assunto 'sexo', quando tratado com seriedade e de forma adequada, se torna natural.

Condutas adequadas e espontâneas, desvinculadas de moralitarismo, que fatalmente geram práticas obsoletas e obomináveis, tornam o trabalho com crianças envolvente e nos faz falarem no propósito de extirpar a semente de ignorância e do preconceito. (Suzana Aparecida dos Santos Ferreira - professora: EMEI "Emir Macedo Nogueira")

Considero que participar do F.O.S. é como colocar óculos que nos permitam observar as pessoas, tanto no convívio familiar quanto profissional, sob uma ótica mais clara sobre a sexualidade que define os rumos de nossas vidas, abre novos horizontes para percebermos quem é o 'ser' com o qual nós, educadores, estamos trabalhando, convivendo, ajudando a formar e como estamos contribuindo para essa formação. (Silvana Marques P. Buppo - Coordenadora do P.O.S. no NAE-10)

O Projeto nesse período atendeu cerca de 30.000 alunos, na maioria do último ano do Ciclo Intermediário (antiga 6ª série) e do Ciclo Final (antigas 7ª e 8ª séries).

Pudemos perceber, pelas avaliações e depoimentos realizados por alunos e professores durante o Projeto, que ocorreram mudanças significativas de posturas nos adolescentes, no que se refere às relações interpessoais na escola (aluno-aluno, aluno-professor, aluno-funcionários) e na família, bem como favoreceu o rendimento escolar, talvez, devido à possibilidade que o aluno tem, no Projeto, de refletir e consequentemente expressar com maior facilidade seus pensamentos e opiniões.

Além disso, a compreensão de sua sexualidade e das transformações pelas quais passa e da aceitação do seu corpo permite que ele trabalhe melhor suas ansiedades, favorecendo dessa forma sua concentração.

É nessa direção que registramos alguns depoimentos:

"Ficou muito claro que os alunos que entraram para o Projeto, no início do ano, mudaram sensivelmente seu comportamento. Os adolescentes envergonhados, tímidos e calados, hoje, são espontâneos, participativos, ativos e pesquisadores contínuos de novas temas e informações". (Denise Aragão - Professora: EMFG "Dr Elias de Siqueira Cavalcante")

"Eu acho essa aula muito interessante, porque amigamente pensava que era só brigar a menina que ela ficava grávida. Agora não só aprendi sobre isso, como também muitas coisas sobre o corpo humano". (David Morato da Silva - aluno do 2º ano do Ciclo Intermediário: EMFG "Enéas de Carvalho Aguiar")

"Percebi que depois que eu entrei no Projeto tenho mais liberdade de escrever dividas com colegas e com os meus pais". (Eder Dias G. da Silva - 11 anos, aluno do 2º ano do Ciclo Intermediário: EMFG "Marçal Rondon")

"Na Orientação Sexual cada dia é uma coisa nova, cada dia aprendemos mais um pouco sobre nosso corpo.
É bom poder aprender as coisas que nossos pais têm vergonha de dizer". (Rosenilda G. dos Santos - 11 anos, aluna do 1º ano do Ciclo Intermediário: EMPG "Marechal Rondon")

"As aulas que estou tendo de Orientação Sexual estão sendo super aproveitáveis, pois tiram nossas dúvidas.

Eu estou gostando de conhecer o meu corpo e o corpo masculino que, como dizem, não é nenhum bicho-de-sete-cabeças. Além de conhecer nosso corpo, aprendemos sobre o relacionamento entre os jovens, doenças venéreas e uma porção de assuntos (coisas que aprendi, minha mãe nunca me contou)". (Marcia Soares de Souza - 15 anos - aluna do 1º ano do Ciclo Final: EMPG "Tracema Marques da Silveira")

"Costo da maneira descontraída que debatemos algumas dúvidas sobre sexo.

Adoro participar e fico super triste quando não posso vir.

A professora é legal e faz com que consigamos tratar de assuntos sérios, de uma forma menos cansativa.

Espero que continuem com esse iniciativo, pois estou ajudando muitos jovens". (Janelina Karstacia A. Tombetti - 13 anos - aluna do 1º ano do Ciclo Final).

"Participo de P.O.S. porque eu quero ficar informada, quero ficar sabendo de tudo que irá acontecer comigo e sobre as mudanças que estão acontecendo com as meninas e as meninas da minha idade.

Na nossa idade temos curiosidades e dúvidas que nem sempre nossos amigos, parentes ou pessoas que conhecemos podem responder" (Ilana Cortes de Oliveira - aluna do 2º Ano do Ciclo Intermediário: EMPG "Eneás de Carvalho Aguiar")

"Eu, como mãe, acho de suma importância que crianças e adolescentes recebam orientação não só sexual, mas, também, sobre Drogas, AIDs, etc.

Tenho certeza que irão ser mais adultos saudáveis se pais, professores e administração se responsabilizarem, por esta orientação". (Marlene Conceição Aparecida S. Oliveira - mãe de aluna: EMPG "Marechal Rondon")

Avaliamos que o Projeto tem sido bem sucedido, dada a boa receptividade expressa pela Rede, o que se pode observar através do crescente número de escolas, educadores e alunos envolvidos e dos convites recebidos pela equipe coordenadora do P.O.S. para desenvolver cursos, palestras, assessoria, bem como, participar de diferentes eventos (ver anexo 4), tanto dentro, como fora do âmbito da SME.

Atribuímos esse êxito ao fato de ser esta uma proposta cuja abordagem da sexualidade se dá através de uma metodologia dialógica que leva em conta o respeito, a responsabilidade e o direito ao prazer, caracterizando-se como uma proposta aberta a ser discutida e construída em cada classe.

Isso nos confirma a sua viabilidade e, também, que a escola se constitui, sem dúvida, num espaço concreto de reflexão sobre a sexualidade.

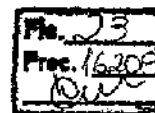
Cabe, no entanto, ressaltar o caráter opcional desse trabalho. Não acreditamos na obrigatoriedade da discussão sobre a sexualidade, mas reconhecemos o direito que todos os educandos têm de discutir-la.



CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ

São Paulo

Gabinete do Presidente



CONSULTORIA JURÍDICA

PARECER No. 2.541

PROJETO DE LEI No. 6.252

PROCESSO No. 16.208

De autoria do nobre Vereador Erazé Martinho, o presente projeto de lei prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

A propositura encontra sua justificativa às fls. 04 e vem instruída com os documentos de fls. 05/22

é o relatório.

PARECER:

1. Embora louvável a propositura se nos afigura ilegal e inconstitucional.

DA ILEGALIDADE

1. é cediço que as escolas da rede municipal de ensino são afetas à Secretaria Municipal de Educação, conseqüentemente órgão da Administração Municipal.

2. Assim, na qualidade de órgão da Administração Municipal somente e tão somente ao Prefeito compete privativamente a iniciativa dos projetos de lei que disponham sobre sua criação, estruturação e atribuições (art. 46, inc. V, L.O.M.).

3. Por este motivo, somente o Alcalde conjuntamente com o Secretário Municipal de Educação e ainda em estrita obediência a Lei das Diretrizes Educacionais, poderão promover alteração de curriculum inserindo novas matérias ou subtraindo algumas, não sendo pois essa a função do Legislativo.

4. Era a ilegalidade.

DA INCONSTITUCIONALIDADE

1. A inconstitucionalidade decorre da ilegalidade apontada pela flagrante ingerência do Legislativo em órbita privativa do Executivo, ferindo destarte o princípio da harmonia e independência dos Poderes (art. 2º, C.F., 5º, C.E. e 4º, L.O.M.).

2. Além da Comissão de Justiça e Redação, deve ser ouvida a Comissão de Educação, Cultura, Esportes e Turismo.



CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ

São Paulo

Gabinete do Presidente

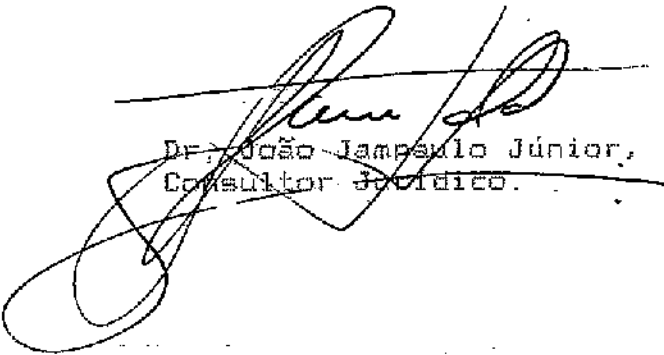
Fis. 24
Proc. 16208
P. W.

3.

Quorum: maioria simples (artigo 44,
"caput", L.O.M.).

S.m.e...

Jundiaí, 13 de maio de 1994


Dr. João Jampeulo Júnior,
Consultor Jurídico.

jij/aaa



COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO

PROCESSO Nº 16.208

PROJETO DE LEI Nº 6.252, do Vereador ERAZÉ MARTINHO, que prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

PARECER Nº 1.077

De acordo com a manifestação da Consultoria Jurídica da Casa expressa no Parecer nº 2.541, às fls. 23, a proposição em destaque incorpora a chaga da ilegalidade, uma vez que é defeso ao vereador apresentar projetos que disponham sobre atividade que está afeta à exclusiva órbita do Executivo, como o texto em estudo, que divide responsabilidade também com a Secretaria Municipal de Educação.

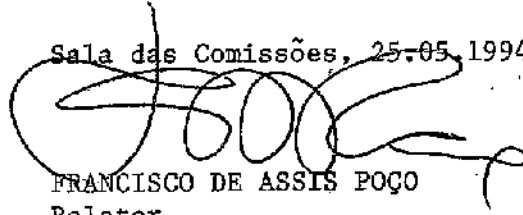
Diante do exposto, reportando-me à análise oferecida, somente o Prefeito, conjuntamente com a citada Secretaria, e, ainda, em obediência restrita à Lei das Diretrizes de Educação, podem promover alteração curricular nas escolas da rede municipal de ensino. Mas também é correto afirmar que os membros da Edilidade podem promover as cabíveis gestões políticas objetivando consubstanciar o intento expresso em suas propostas, mesmo que máculas sobre elas venham recair. Nesse sentido, face a relevância e atualidade da matéria, quero crer que possa vir a ser negociada a sua aprovação.

Assim, concluo pela pertinência da matéria, motivo pelo qual a acolho e consigno voto favorável ao seu teor.

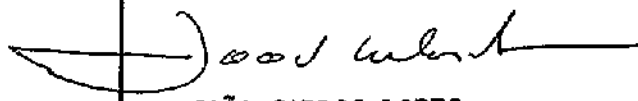
É o parecer.

APROVADO EM 26.05.94

Sala das Comissões, 25-05-1994



FRANCISCO DE ASSIS POÇO
Relator



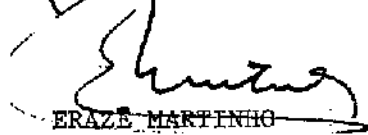
JOÃO CARLOS LOPES
Presidente



ANTONIO AUGUSTO GIARETTA

*

CARLOS ALBERTO BESTETTI



ERAZÉ MARTINHO



COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTES E TURISMO

PROCESSO Nº 16.208

PROJETO DE LEI Nº 6.252, do Vereador ERAZÉ MARTINHO, que prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

PARECER Nº 1.086

Instituir curso de orientação sexual para os alunos das escolas da rede municipal de ensino é o intento expresso no projeto de lei em evidência, do Vereador Erazé Martinho.

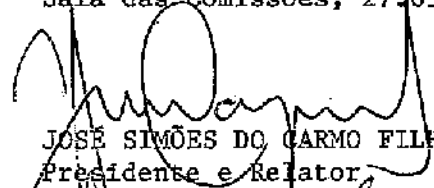
Vivemos em um período onde a informação e o esclarecimento são ferramentas imprescindíveis no desenvolvimento educacional do cidadão, e devem ser oferecidas desde o início da idade da compreensão, através de pessoal perfeitamente habilitado para tanto, e entre as temáticas abrangidas, a orientação sexual é matéria que não pode fugir à regra. Nesse sentido a proposta em destaque é dinâmica, já que considera a importância que um trabalho sério nessa área alcança, que também precisa contar com a ativa participação de pais e da comunidade.

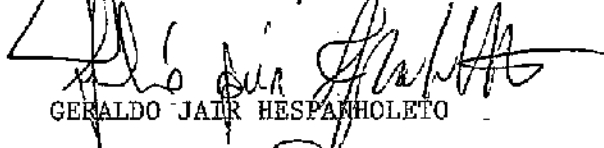
Assim, no que tange ao estudo desta Comissão, acolhemos a proposta em seus termos, e a ela consignamos voto favorável.

É o parecer.

Sala das Comissões, 27.05.1994

APROVADO EM 30.05.94


JOSE SIMÕES DO CARMO FILHO
Presidente e Relator


GERALDO JAIR HESPÁHOLETO


SEBASTIÃO MAIA


ANTONIO AUGUSTO GIARETTA

59122
LUIZ ANGELO MONTE

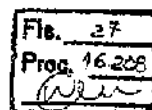
*



Câmara Municipal de Jundiaí

São Paulo

GABINETE DO PRESIDENTE



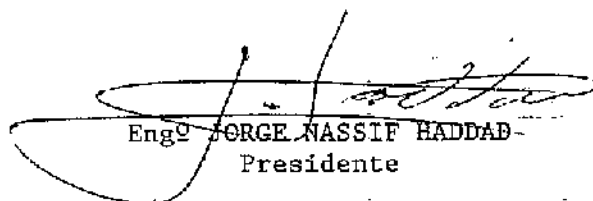
Of. PM 06.94.28
Proc. 16.208

Em 15 de junho de 1994

Exmo. Sr.
Dr. ANDRÉ BENASSI
DD. Prefeito Municipal de
JUNDIAÍ

A V.Exa. encaminhamos, em duas vias, para a devida análise, o AUTÓGRAFO Nº 4.799, relativo ao Projeto de Lei nº 6.252 (aprovado na Sessão Ordinária realizada dia 14 último).

Queira aceitar, mais, os nossos melhores respeitos.


Eng^o JORGE NASSIF HADDAD
Presidente

*

SS

210 x 315 mm

SG



PROJETO DE LEI Nº 6.252

AUTÓGRAFO Nº 4.799

PROCESSO Nº 16.208

OFÍCIO P.M. Nº 06/94/28

RECIBO DE AUTÓGRAFO

DATA DE ENTREGA NA PREFEITURA:

16/06/94

ASSINATURA:

Cristina

RECEBEDOR - NOME:

Bruno

EXPEDIDOR:

PRAZO PARA SANÇÃO/VETO

(15 DIAS ÚTEIS - LOJ, ART. 52)

PRAZO VENCÍVEL EM:

07/07/94

Allei

DIRETORA LEGISLATIVA



Câmara Municipal de Jundiaí
São Paulo
GABINETE DO PRESIDENTE

PUBLICADO
em 24/06/94

Proc. nº 16.208

GP., em 5.7.1994

Eu, ANDRÉ BENASSI, Prefeito do Município de Jundiaí, VE TO TOTALMENTE o presente -

Projeto de Lei: =

ANDRÉ BENASSI

Prefeito Municipal

AUTÓGRAFO Nº 4.799

(Projeto de Lei nº 6.252)

Prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, Estado de São Paulo, faz saber que em 14 de junho de 1994 o Plenário aprovou:

Art. 1º As escolas da rede municipal de ensino prestarão orientação sexual a seus alunos.

Parágrafo único. A providência far-se-á:

a) em conformidade com o Projeto de Orientação Sexual-POS do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, sediado na cidade de São Paulo;

b) com a cooperação de outras instituições e pessoas interessadas.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, em quinze de junho de mil novecentos e noventa e quatro (15.6.1994).

Engº JORGE NASSIF HADDAD
Presidente

*

SS



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ
 VETO REJEITADO
 votos contrários 11 / votos favoráveis 09
 Presidente
 CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ

Fls. 30
 Proc. 16.208

PUBLICADO
 em 05/08/94

16573 JUL 94 01425

Of. GP.L. nº 453/94
 Proc. nº 15.123-6/94

PROTOCOLO GERAL

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ
 APRESENTADO À MESA, ENCAMINHE-SE
 À C.I. E ÀS SEQUENTES COMISSÕES:
 CJR
 Presidente
 02 08 194
 Excelentíssimo Senhor Presidente:

Jundiá, 05 de julho de 1.994.

Junta-se. À Consultoria Jurídica.

[Signature]
 PRESIDENTE
 06/07/94

Levamos ao conhecimento de Vossa Excelência e dos Nobres Vereadores como nos faculta o artigo 72, inciso VII, c/c, artigo 53 da Lei Orgânica do Município, que estamos apondo VETO TOTAL ao Projeto de Lei nº 6.252, aprovado por esta Colenda Casa de Leis, em Sessão Ordinária realizada no dia 14 de junho de 1.994, autógrafo nº 4.799, por considerá-lo inconstitucional e ilegal, pelos motivos de fato e de direito que passamos a expor:

RAZÕES DE VETO

Versa o presente projeto de lei em apreço, quanto a orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

Inicialmente, há de ser mencionado que a propositura que ora vetamos não tem o condão de prosperar, eis que deixa ao largo o atendimento às normas constitucionais vigentes, em especial a ingerência do Legislativo em matéria de iniciativa própria do Executivo o



que se constitui em afronta ao Princípio da Independência e Harmonia dos poderes consagrado pelo artigo 29, da Constituição da República, 59 da Constituição do Estado e 49 da Lei Orgânica do Município.

Neste segmento, ressalta com a mais alva evidência que a proposição fere a Lei Orgânica do Município, consoante preceitua o artigo 46, IV da aludida Carta Municipal:

"Artigo 46 - Compete privativamente ao Prefeito a iniciativa dos projetos de lei que disponham sobre:

.....
IV - Organização administrativa, matéria tributária e orçamentária; serviços públicos e pessoal da administração".

Deste modo, "se a Câmara desatendendo à privatividade do Executivo para esses projetos, votar e aprovar leis sobre tais matérias, caberá ao prefeito vetá-las, por inconstitucionais. Sancionadas e promulgadas que sejam, nem por isso se não afigura que convalesçam do vício inicial, porque o Executivo não pode renunciar prerrogativas institucionais, inerentes às suas funções, como não pode delegá-las ou aquiescer em que o Legislativo as exerça" (Hely Lopes Meirelles, in "Direito Municipal Brasileiro", 6ª edição, Malheiros Editores, pag. 542)



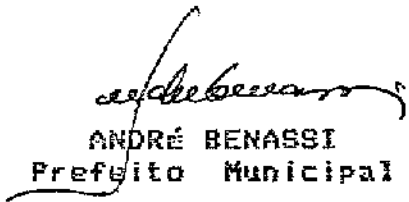
A edição de dispositivo pelo Legislativo que inobserva a regra de competência demonstra interferência no poder de administrar próprio e exclusivo do Executivo, fulminando-o por ilegalidade.

Atuou, portanto o Legislativo contrariamente à Lei. Contrariou a Constituição que é a base da ordem jurídica e, por isso, todas as leis a ela se subordinam e nenhuma pode contra ela dispor.

Assim é, que o presente projeto de lei não tem o condão de prosperar, haja visto, estar configurado em seu bojo os vícios que deram ensejo às razões do VETO TOTAL, pelo que esperamos sejam ditas razões acolhidas pela Egrégia Edilidade mantendo-se o Veto Total, ora aposto.

Oportunidade em que renovamos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,


ANDRÉ BENASSI
Prefeito Municipal

Ao Exmo. Sr.
Vereador JORGE NASSIF HADDAD
DD. Presidente da Câmara Municipal de Jundiá
N e s t a



CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ

São Paulo

Gabinete do Presidente



CONSULTORIA JURIDICA

PARECER No. 2.642

VETO TOTAL PROJETO DE LEI 6.252 PROCESSO N. 16.208

1. O Sr. Chefe do Executivo houve por bem vetar totalmente o presente Projeto de Lei, por considerá-lo ilegal e inconstitucional conforme motivações de fls. 30/32.
2. O veto foi oposto e comunicado no prazo legal.
3. Pedimos "venia" para subscrever as razões de veto opostas pelo Alcaide às fls. 30/32, uma vez que as mesmas se harmonizam com o nosso parecer de fls. 23/24 que aponta os mesmos vícios e que mantemos em sua totalidade.
4. O veto deverá ser encaminhado a Comissão de Justiça e Redação, que poderá solicitar a audiência de outras Comissões, nos termos do artigo 207, parágrafo 1º, do Regimento Interno da Casa.
5. Em conformidade com a Constituição Federal e a Lei Orgânica de Jundiá, a Câmara deverá apreciar o veto dentro de 30 dias, contados de seu recebimento, só podendo ser rejeitado pela maioria absoluta de seus membros, em escrutínio secreto (art. 66, parágrafo 4º, da CF, c/c o art. 53, parágrafo 3º, da LOM). Esgotado o prazo mencionado, sem deliberação do Plenário, o veto será pautado para a Ordem do Dia da Sessão imediata, sobrestadas todas as demais proposições até sua votação final, ressalvadas as matérias de que trata o "caput" do artigo 62 da Constituição da República, c/c o artigo 52, parágrafo 3º, da Carta Municipal.

S.m.e.

Jundiá, 21 de julho de 1994.

Ronaldo Salles Vieira

Dr. Ronaldo Salles Vieira,
Consultor Jurídico em Exercício.

rsv/aaa



COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO

PROCESSO Nº 16.208

VETO TOTAL ao PROJETO DE LEI Nº 6.252, do Vereador ERAZÉ MARTINHO, que prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

PARECER Nº 1.201

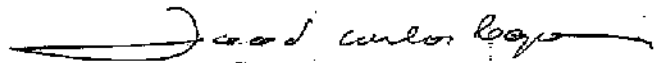
Conforme lhe faculta a Lei Orgânica de Jundiaí - art. 72, VII, c/c o art. 53 -, o Sr. Chefe do Executivo houve por bem vetar totalmente o Projeto de Lei nº 6.252, do Vereador Erazé Martinho, que prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino, por considerá-lo ilegal e inconstitucional, remetendo suas razões à Câmara, em tempo hábil, através do ofício GP.L. nº 453/94.

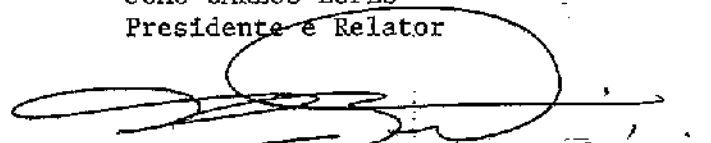
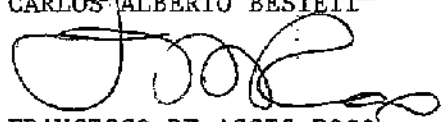
Alega o Prefeito que a proposição concretiza ingerência do Legislativo em seu âmbito privativo de atuação, eis que a Carta de Jundiaí - art. 46, IV - lhe atribui a iniciativa de projetos que versem sobre serviços públicos e pessoal da administração. A Câmara ao legislar e aprovar a matéria inobservou o princípio constitucional que assegura a independência e harmonia entre os Poderes, consagrado nos diplomas legais hierarquicamente superiores.

Desta forma, configurada está a impropriedade do projeto, motivo pelo qual acolhemos as razões do veto total oposto e consignamos, via de consequência, voto pela sua manutenção pelo soberano Plenário.

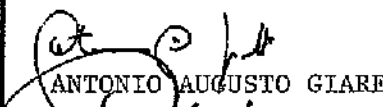

Parecer, portanto, favorável.

Sala das Comissões, 05.08.1994


JOÃO CARLOS LOPES
Presidente e Relator


CARLOS ALBERTO BESTETTI

FRANCISCO DE ASSIS POÇO

REJEITADO EM 09.08.94


ANTONIO AUGUSTO GIARETTA
Comissão

* ERAZÉ MARTINHO
Comissão



Câmara Municipal de Jundiaí
São Paulo

69ª SESSÃO ORDINÁRIA DA 11ª LEGISLATURA - EM 30/ 8 /1994

(Lei Orgânica de Jundiaí, art. 53, § 2º)
- votação secreta de veto -

VETO TOTAL ao PROJETO DE { LEI Nº 6.252
LEI COMPLEMENTAR Nº

V O T A Ç Ã O

MANTENHO 09

REJEITO 11

BRANCOS

NULOS

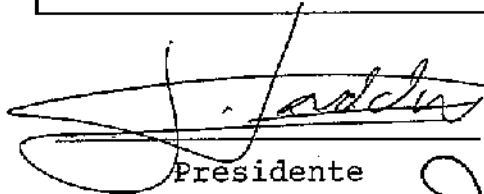
AUSENTES 01

TOTAL 21

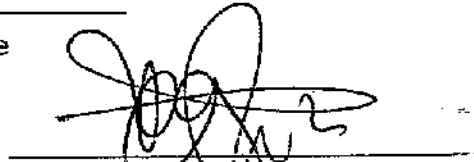
R E S U L T A D O

VETO REJEITADO

VETO MANTIDO


Presidente


1º Secretário


2º Secretário



Câmara Municipal de Jundiaí

São Paulo

GABINETE DO PRESIDENTE

Of. PM 08.94.49
Proc. 16.208

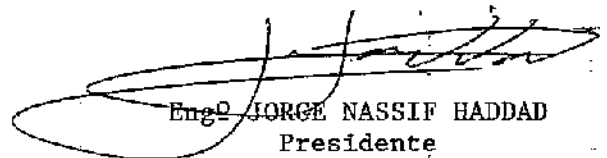
Em 30 de agosto de 1994

Exmo. Sr.
Dr. ANDRÉ BENASSI
DD. Prefeito Municipal de
JUNDIAÍ

Vimos informar-lhe que o Veto Total oposto ao Projeto de Lei nº 6.252, objeto do ofício GP.L. nº 453/94, foi REJEITADO na Sessão Ordinária realizada na presente data.

Assim, reencaminhamos-lhe o Autógrafo, nos termos e para os fins do estabelecido na Lei Orgânica de Jundiaí (art. 53, § 4º).

A V.Exa., mais, as nossas respeitadas saudações.


Eng.º JORGE NASSIF HADDAD
Presidente

Recebido em 31 108 194

Nome: Jundiaí

Cargo: Sec. Administrativo

Assinatura: 

*

vsp



Câmara Municipal de Jundiaí
São Paulo

GABINETE DO PRESIDENTE
(proc. 16.208)



LEI Nº 4.414, DE 05 DE SETEMBRO DE 1994

Prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, Estado de São Paulo, conforme a rejeição de veto total pelo Plenário em 30 de agosto de 1994, promulga a seguinte Lei:

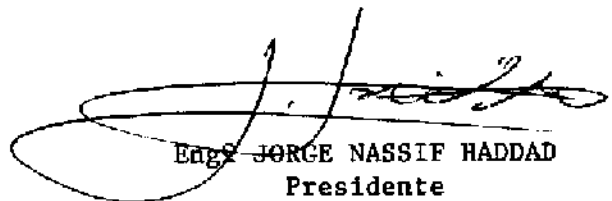
Art. 1º As escolas da rede municipal de ensino prestarão orientação sexual a seus alunos.

Parágrafo único. A providência far-se-á:

- a) em conformidade com o Projeto de Orientação Sexual-POS do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, sediado na cidade de São Paulo;
- b) com a cooperação de outras instituições e pessoas interessadas.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, em cinco de setembro de mil novecentos e noventa e quatro (05.09.1994).


Engº JORGE NASSIF HADDAD
Presidente

Registrada e publicada na Secretaria da Câmara Municipal de Jundiaí, em cinco de setembro de mil novecentos e noventa e quatro (05.09.1994).


WILMA CAMILO MANFREDI
Diretora Legislativa

*

vsp



Câmara Municipal de Jundiaí

São Paulo

GABINETE DO PRESIDENTE

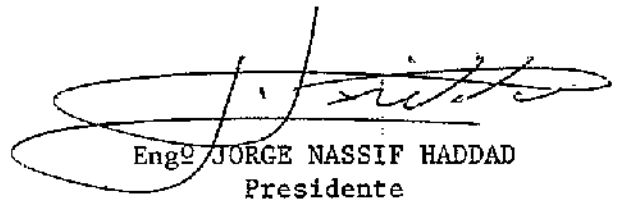
Of. PM 09.94.02
Proc. 16.208

Em 05 de setembro de 1994

Exmo. Sr.
Dr. ANDRÉ BENASSI
DD. Prefeito Municipal de
JUNDIAÍ

Reportando-me ao ofício PM 08.94.49, desta Edi
lidade, encaminho-lhe, para conhecimento, a anexa cópia da Lei nº 4.414,
promulgada por esta Presidência na presente data.

A V.Exa. apresento, mais, cordiais saudações.



Engº JORGE NASSIF HADDAD
Presidente

*

vsp



Câmara Municipal de Jundiaí
São Paulo

ICM 09-09-1994

LEI Nº 4.414, DE 05 DE SETEMBRO DE 1994
Prevê orientação sexual nas escolas da rede municipal de ensino.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, Estado de São Paulo, conforme a rejeição de veto total pelo Plenário em 30 de agosto de 1994, promulga a seguinte Lei:

Art. 1º As escolas da rede municipal de ensino prestarão orientação sexual a seus alunos.

Parágrafo único. A providência far-se-á:

a) em conformidade com o Projeto de Orientação Sexual—POS do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, sediado na cidade de São Paulo;

b) com a cooperação de outras instituições e pessoas interessadas.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

CÂMARA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ, em cinco de setembro de mil novecentos e noventa e quatro (05.09.1994).

Engº JORGE NASSIF HADDAD
Presidente

Registrada e publicada na Secretaria da Câmara Municipal de Jundiaí, em cinco de setembro de mil novecentos e noventa e quatro (05.09.1994).

WILMA CAMILO MANFREDI
Diretora Legislativa

Projeto de lei n.º 6.252 Autuado em 10 / 05 / 94 Diretor *M. S. Manfredini*
 Comissões *CJR. CECET.* Quorum *M. S.*

Data	Histórico
10.05.94	Protocolo
10.05.94	CJ parecer 2541
16.05.94	CJR parecer 1077
26.05.94	CECET parecer 1086
30.05.94	Após
14.06.94	aprovado
15.06.94	Of. PM. 06.94.28
16.07.94	Voto total
06.07.94	CJ parecer 2642
02.08.94	CJR parecer. 1201.
30.08.94	Voto rejeitado
30.08.94	Of. PM. 08.94.49.
05.09.94	Lei 4414 promulgada of Casa
05.09.94	Of. PM. 09.94.02.
09.09.94	Publicação
09.09.94	requerimento @

Juntadas fls. 04/22 em 10.05.94 @ em fls. 23/24 em
 16.05.94 @ em fls. 25 em 26.05.94 @ em fls. 26
 em 30.05.94 @ em fls. 27/32 em 06.07.94 @ em
 fls. 33 @ 22.09.94 fls. 34 em 09.08.94 @ em fls. 37/39 em
 09.09.94 @ em.

Observações
